

# **esec**

## **ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Dissertação de Mestrado em Educação Especial – Domínios Cognitivo-Motor

**A INCLUSÃO ESCOLAR SEGUNDO O OLHAR DOS PROFESSORES DAS  
ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR (AEC)**

Alessandra Mendes Villar Lima

Coimbra, 2020



**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Alessandra Mendes Villar Lima

**A INCLUSÃO ESCOLAR SEGUNDO O OLHAR DOS PROFESSORES DAS  
ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR (AEC)**

Dissertação de Mestrado em Educação Especial na especialidade de  
domínio Cognitivo e Motor, apresentada ao Departamento de Educação da  
Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutor João Luís Pimentel Vaz

Arguente: Prof. Doutor José Pedro Cerdeira Coelho e Silva

Orientadora: Prof. Doutora Madalena Baptista

Fevereiro 2020



## Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus e Nossa Senhora, por tudo! Pelo dom da vida e pela grande oportunidade de realizar esse trabalho.

Aos amigos de profissão e de curso que foram fundamentais para que o trabalho acontecesse. Muito obrigada!

Aos meus alunos e alunas que me deram a chance de ser uma pessoa melhor e de me dar a vontade de diariamente buscar a inclusão na minha vida.

A minha orientadora Madalena Baptista pela grande paciência.

Ao meu pai Máximo e a minha mãe Déa por tanto amor, carinho e parceria!

A toda a minha família e amigos que de perto ou de longe me deram apoio nesta caminhada!

Aos meus filhos Bernardo e Artur e a minha filhota Maria Vitória por serem diariamente a minha melhor metodologia e a minha eterna bibliografia para ser mãe. Amo cada um de vocês imensamente!

Ao meu marido e parceiro de vida Rogério por saber dosar e completar cada etapa com muita atenção e amor!



**Título:** A inclusão escolar segundo o olhar dos professores das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC)

**Resumo:**

Esta pesquisa assume como objeto de investigação a compreensão que os (as) professores (as) das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) têm quanto à Inclusão Escolar e as suas necessidades formativas. Para tanto, são identificados os conceitos, as barreiras, as estratégias e os desafios vividos em três escolas do ensino regular da cidade de Coimbra, em Portugal. A metodologia usada centrou-se na pesquisa qualitativa, descrevendo um estudo de caso, tendo em vista intervir junto dos professores das AEC ao nível das suas práticas inclusivas. Para o efeito, foram realizadas 20 entrevistas semiestruturadas a professores (as) das AEC. A pesquisa apontou para a necessidade de reforçar conceitos e práticas inclusivas, percebendo-se a pertinência de elaborar um material (in) formativo que permitisse aos professores uma autoformação.

**Palavra-chave:** inclusão escolar, professores das AEC, barreiras inclusivas, brochura informativa

**Title:** School Inclusion according to the Curriculum Enrichment Activities (AEC) teachers' view

**Abstract:**

This research assumes as object of investigation the understanding that teachers of Curriculum Enrichment Activities (AEC) have regarding School Inclusion and their training needs. To this end, the concepts, barriers, strategies and challenges experienced in three regular schools in the city of Coimbra, Portugal, are identified. The methodology used focused on qualitative research, describing a case study, with a view to intervening with the teachers of the AEC in terms of their inclusive practices. For this purpose, 20 semi-structured interviews were conducted with teachers from the AEC. The research pointed to the need to reinforce inclusive concepts and practices, realizing the pertinence of elaborating (in) training material that would allow teachers to self-train.

**Keyword:** school inclusion, AEC teachers, inclusive barriers, information booklet



## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO .....	1
2. OS CAMINHOS DA INCLUSÃO .....	5
2.1. Percursos da inclusão no mundo .....	7
2.2. A inclusão em Portugal: Marcos legislativos .....	16
3. AS BARREIRAS PARA A INCLUSÃO .....	19
3.1. A escola como barreira.....	21
3.2. Papel do Professor “inclusivo” .....	23
3.3 A família: o papel fundamental no processo de inclusão.....	25
4. ATIVIDADE DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR (AEC) EM PORTUGAL .....	27
4.1. Enquadramento legal .....	30
4.2. Legislação.....	30
5. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO .....	33
5.1. Definição dos objetivos .....	35
5.2. Descrição do Instrumento de recolha de dados e dos procedimentos .....	36
5.3. Caraterização dos entrevistados/participantes no estudo .....	37
6. APRESENTAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS .....	39
6.1. Categoria 1 - Formação na área da Inclusão .....	41
6.2. Categoria 2 - Experiência de trabalho com crianças com deficiência.....	42
6.3. Categoria 3- Estratégias usadas na intervenção com crianças com deficiência	42
6.4. Concordância com a perspectiva inclusiva e o conceito de inclusão .....	43

6.5.	Categoria 5 - A inclusão como desafio.....	46
6.6.	Categoria 6 - Obstáculos.....	50
6.7.	Categoria 7- Estratégias inclusivas utilizadas .....	54
7.	DISCUSSÃO DOS DADOS .....	60
7.1.	Inclusão escolar .....	62
7.2.	Desafios para o trabalho inclusivo.....	65
7.3.	Obstáculos às práticas inclusão .....	66
7.4.	Estratégias para o trabalho inclusivo .....	68
8.	BROCHURA (IN) FORMATIVA PARA OS PROFESSORES DAS AEC .....	74
9.	REFLEXÕES FINAIS .....	78
10.	BIBLIOGRAFIA.....	84
11.	ANEXO.....	92
	Anexo 1 – Guião de entrevista	
	Anexo 2 – Tratamento das entrevistas	
	Anexo 3 – Brochura (In)formativa para os Professores das AEC	

## Índice de Abreviaturas

AEC – Atividades de Enriquecimento Curriculares

CEB – Ciclo do Ensino Básio

ETI – Escola a Tempo Inteiro

NEE – Necessidades Educativas Especiais

DGE – Direção Geral de Educação

ME – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

AAAF – Atividade de Animação e de Apoio à Família

CAF – Componente de Apoio a Família

IPSS – Instruções Particulares de Solidariedade Social

REI – Regular Education Initiative



## **1. INTRODUÇÃO**



Desde a década de 90 que a inclusão escolar, em Portugal, possui um papel central nos debates sobre as práticas pedagógicas no meio educacional. Isso justifica-se por ser um processo sempre em movimento, progressivo e contínuo, gerando assim questionamentos, dúvidas e buscas por informações por parte do corpo docente de qualquer instituição de ensino.

Deste modo, o presente trabalho tem como foco captar as percepções de professores (as), que atuam nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) em relação à inclusão escolar. A motivação desta pesquisa está baseada no facto da pesquisadora estar a trabalhar no contexto das AEC. A linha estrutural para a pesquisa centrou-se na compreensão dos obstáculos e dos desafios vivenciados por aqueles (as) profissionais na rotina diária de sala de aula. Ao mesmo tempo, busca-se perceber as estratégias que são utilizadas para transpor os obstáculos diários para a produção de um ambiente não somente acolhedor mas, também, desafiante para todos (as) alunos (as). Nesta seara, a pesquisa tenciona apontar o importante papel do docente como um agente de promoção e desenvolvimento de atitudes que influenciam a inserção harmoniosa das crianças nas escolas, independentemente das suas condições.

As AEC são um projeto nacional promovido pelo Ministério da Educação e Ciência, com o objetivo de gerar uma ocupação para os tempos livres dos (as) alunos (as) do 1º Ciclo do Ensino Básico. No tempo das AEC cria-se uma igualdade social e de oportunidade, em que as crianças se deparam com um vasto leque de atividades e saberes educativos que, sem a escola, não seria realidade (Cosme & Trindade, 2007). Percebe-se também, que o convívio escolar nesses momentos estimula as crianças ao querer estar e a querer aprender. Consequentemente, são períodos que potencializam o desenvolvimento de aspectos sociais importantes, como a inclusão (Santos, Oliveira, & Festas, 2011). Ao estarem integradas nas atividades pedagógicas, as AEC contribuem para que a Escola seja um *lócus* de enriquecimento cultural, cívico e artístico dos indivíduos, contribuindo para a realização pessoal e formação integral de cada pessoa que transita pelos seus espaços.

Este trabalho está estruturado em seis capítulos. O primeiro refere-se aos vários caminhos que a busca pela inclusão percorre durante a história, seja no ambiente internacional ou de Portugal. O segundo capítulo descreve qual o papel das AEC na educação, a respectiva legislação e o seu enquadramento legal. No terceiro, a nossa atenção será direcionada para identificar as barreias que interferem na criação de processos favoráveis a uma vivência da inclusão de maneira integral.

O enquadramento da pesquisa é apresentado no quarto capítulo, onde se priorizou uma abordagem de natureza qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e na modalidade de estudo de caso, tendo, no entanto, um carácter indireto de intervenção, uma vez que se elaborou uma brochura (in) formativa.

O quinto capítulo dedica-se a uma reflexão entre os dados colhidos nas entrevistas e os conceitos teórico sobre a inclusão escolar.

O sexto capítulo contextualiza a brochura (in) formativa para os professores das AEC. Apostou-se na elaboração de um material (in) formativo com o propósito de ser utilizado para a autoformação dos professores das AEC. Neste sentido, o material tenciona ser um documento útil para profissionais de educação que queiram informações sobre a inclusão escolar, desafios vividos na prática e dicas de práticas inclusivas.

Por fim, como parte das reflexões finais, entendemos que este trabalho, assim como os debates sobre a inclusão escolar, se enquadram na figura de uma ponte para novos começos. A inclusão, como temática de pesquisa, não se pode medir ou quantificar de forma exata. Este tema faz parte de um processo constante de mudança e (re) adaptações onde podemos nos certificar da existência ou não da vontade e dos apoios necessários de implementar a inclusão nas vivências do quotidiano. Não apenas como uma obrigação ditada por leis, mas uma prática do querer mudar e fazer diferente. De reinventar e reconstruir a própria sociedade com novas ideias e maneiras de promover a inclusão.



## **2. OS CAMINHOS DA INCLUSÃO**

*“O caminho se faz caminhando” (Paulo Freire)*



A inclusão faz-se caminhando, um percurso feito por ações de pessoas motivadas e cientes dos desafios e obstáculos encontrados. A inclusão implica uma mudança no paradigma educacional, para que se encaixe no mapa de uma nova mentalidade sobre a educação. Tanto no mundo quanto em Portugal essa mudança para novas posturas educativas está à acontecer.

### **2.1.Percursos da inclusão no mundo**

O trajeto até chegar ao termo inclusão e a preocupação com o trabalho inclusivo é longo e contínuo. A inclusão é um tema que, no espaço educacional, é alvo de pesquisas, debates e estudos. O ponto de partida, seguramente, é perceber a existência da exclusão. Se hoje pensamos em incluir pessoas é porque em algum momento da história da humanidade a exclusão aconteceu e incomodou os agentes desse percurso. Infelizmente até os dias de hoje existem registos de exclusão de pessoas com alguma deficiência (Sampaio & Sampaio, 2009).

A exclusão acontece com tudo que não segue os padrões normativos. Existem relatos da antiguidade, como em Esparta, onde as crianças com alguma deficiência não eram consideradas humanas. Nos séculos XVII e XVIII as pessoas com alguma doença mental ou física eram internados em orfanatos, manicômios e prisões geralmente ligadas ao poder público. Essa fase é caracterizada pela rejeição e também pela ignorância vivida pela sociedade na época (Jiménez & Escoval, 1997).

No início do século XIX tem início uma fase de institucionalização da pessoa com alguma deficiência e de forma segregadora. Nesse período a sociedade percebia a necessidade de dar algum apoio às pessoas que apresentavam alguma deficiência, mas de forma isolada do convívio social. Ao longo dos séculos tanto as instituições como as famílias demonizavam a deficiência enxergando-a como uma tragédia, em consequência a melhor opção era o afastamento social (Fontes, 2009).

Começou-se a perceber que a locação das pessoas com deficiência em instituições acontecia de forma inadequada, sem preparação para o atendimento das reais necessidades. Assim, gerou-se um estado de insatisfação daqueles envolvidos no

processo de cuidado. O olhar para a necessidade de mudança aconteceu, nos meios médico e educacional, passando-se a acreditar na educação de pessoas que até então eram ineducáveis (Araújo & Linhares, 2016).

Para Sampaio e Sampaio (2009), ocorreram dois fatores que contribuíram para incentivar a luta contra a segregação da pessoa com deficiência. O primeiro foi o próprio desenvolvimento da educação especial, que tornou disponíveis para as pessoas com deficiência os meios de superar, pelo menos em parte, suas desvantagens naturais. Consequentemente, deixou de haver justificativas clínico-científicas para a sua segregação social. O outro fator foi o crescimento dos movimentos dos direitos humanos, quando as diversas minorias e grupos marginalizados começaram a lutar pelo seu espaço na sociedade.

Até 1959 as crianças e jovens com deficiência, não tinham nenhum respaldo legal a seu favor. Não existiam direitos nem deveres para amparar a saúde, educação e bem-estar das pessoas segregadas da sociedade civil e educativa. A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) publicou, naquele ano, a Declaração dos Direitos da Criança. Com essa publicação, o olhar para as crianças e jovens começou a ganhar força, uma vez que a educação foi declarada como um direito de todas as crianças e jovens. Deu-se início a uma nova fase da educação, a integração das crianças com deficiência nas escolas regulares.

Ao longo do tempo surgiram preocupações e questionamentos em relação ao melhor atendimento, cuidados e melhoria de vida das pessoas com deficiência. Parte da sociedade, composta por pessoas ligadas a grupos de associações de pais, deficientes e voluntários, buscaram respostas práticas às suas inquietações, unindo-se para perceber a necessidade de um suporte governamental. Procuraram em organizações e agências internacionais apoio, acreditavam que seria mais uma garantia que a mudança aconteceria. Percebe-se que os textos políticos podem ser ações reais, assim todas as pessoas que queriam as mudanças do sistema educacional conseguem ver os resultados e experimentá-las no contexto da prática (Pacheco et al., 2019). Anos mais tarde, o envolvimento de instituições mundiais de pessoas envolvidas com a educação e a

saúde acompanharam essa evolução. A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (ONU, 1975) defendem a ajuda das pessoas deficientes a desenvolver as suas potencialidades nas mais variadas áreas de atividade e promover a sua integração, tanto quanto possível, na vida normal.

Para alguns autores como Jiménez e Escoval, (1997) e Sampaio e Sampaio (2009), essa busca pela vida normal recai no conceito de normalidade, que é relativa e sujeita a críticas. O conceito de normalização estabelece que as pessoas com deficiência têm o direito de usufruir de condições de vida as mais comuns possíveis, participando das atividades sociais, recreativas e educacionais frequentadas pelas demais pessoas de sua idade cronológica em sua comunidade.

É importante ressaltar que a proposta não era normalizar o deficiente, mas sim normalizar as condições de vida, trazer para o mais próximo possível do comumente usado e vivido por todas as pessoas, com relação a serviços e recursos do dia-a-dia (Glat, 2007). Com a filosofia da normalização desenvolveu-se o paradigma educacional da integração, onde o sistema educacional deveria oferecer aos alunos (as) com deficiência um ambiente escolar o menos restrito possível.

Sampaio e Sampaio (2009), acredita que o conceito de integração surge neste momento, dando um novo modelo de atenção à deficiência. A integração educacional e social de pessoas com deficiência passou a ser a proposta norteadora dos progressos da educação especial em todo o mundo.

O desenvolvimento da educação especial envolveu uma série de estágios, os sistemas de educação buscavam formas de dar resposta a crianças com deficiências e a outras que têm dificuldades de aprendizagem. Assim a educação especial era oferecida dentro das escolas regulares, por vezes, como complemento e em outros casos foi totalmente segregadora (Fávero, Ferreira, Ireland & Barreiros, 2009). Para Lorente (1991), referido em Barreto (2009), existem duas ideias implícitas em todas as definições de integração. A primeira refere-se à participação ativa da criança no seu processo

educativo onde a atuação é fundamental. Na segunda ideia, o olhar vai para a igualdade de relações entre pares.

A filosofia do relatório de trabalho de Warnock (1978) foi fundamental para a participação e real integração dos alunos com deficiência. Em seu trabalho, o conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE) é inserido no meio educacional. Transfere da visão médica para a educação a responsabilidade de orientar as intervenções educativas. Representou um contraponto às categorizações existentes até então, que eram do foro médico e psicológico no qual classificava a deficiência (Meireles, Izquierdo, & Santos, 2007). O documento de Warnock teve um impacto a nível mundial no que diz respeito a pessoas com necessidades educativas especiais.

No final do século XX a educação virou pauta de debates em instituições de alcance mundial como por exemplo a ONU, UNICEF, UNESCO, Banco Mundial e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Essas instituições defendem os direitos e os deveres das pessoas que naturalmente eram esquecidas e marginalizadas pela sociedade educativa.

Em 1986 as associações de pais de alunos (as) com NEE, voluntários e amigos juntaram-se para buscar formas práticas de melhorar os processos educativos e favorecer a inclusão. O ensino especial necessitava de mudanças, para melhor desempenhar seu papel de provedor da educação, atendendo as necessidades educacionais de cada aluno(a). A reestruturação do sistema nas escolas regulares aliada a uma educação com qualidade fora o foco da transformação. Nestas circunstâncias é possível ver a criação do REI (*Regular Education Initiative*). Esse movimento procurava formas de facilitar a aprendizagem dos alunos (as) NEE no ambiente das escolas regulares.

Segundo Correia (2003), o REI provocou, tempos mais tarde, a chegada do movimento da inclusão. Onde o nome começou a ser comumente visto, debatido e questionado nos mais importantes meios educacionais, políticos e sociais.

Em 1989 a Convenção das Nações Unidas, com relação aos Direitos da Criança, estipulou que todos os direitos devem ser aplicados a todas as crianças sem discriminação e reconheceu à criança com deficiência mental e física o direito a uma vida plena e decente em condições que garantam a sua dignidade, favoreçam a sua autonomia e facilitem a sua participação ativa na vida

Em 1990 foi realizado em Jomtien (Tailândia) a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, onde estabeleceu-se metas a atingir até o ano 2000. Foi estipulado que deviam ser tomadas medidas para garantir a igualdade de oportunidades no acesso à educação para todas as pessoas com deficiência.

Em 1994, a UNESCO, em parceria com o Governo Espanhol e participação de mais de 100 países e organizações internacionais promoveram a Conferência Mundial sobre necessidades educacionais especiais: Acesso e Acessibilidade. Deste encontro resultou a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Prática na Educação de Crianças com Necessidades Educativas Especiais. Essa Declaração é um dos documentos mais importantes no campo da educação inclusiva. Para Glat (2007), esse documento deixa claro que deve-se olhar para cada aluno(a) como único, respeitar suas peculiaridades e o tempo de aprendizagem individual. O segundo ponto da Declaração diz:

*“Acreditamos e Proclamamos que:*

- Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem,*
- Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas,*
- Sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades,*

- *Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades,*
- *Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.”*  
(Declaração de Salamanca, 1994, p.ix)

Para Correia (2003), a partir dos anos 2000 a educação especial começou a ter um outro papel. Ao invés de um lugar físico onde os alunos (as) eram colocados para aprender, ela passa a ser uma prestação de serviço. Uma atenção individual a todos e todas que necessitem de apoio diferenciado para aprender. Todos (as) são recebidos nas salas de aula regulares, com seus professores titulares e tem um combinado de apoios adaptados as suas características e necessidades individuais. Percebe-se que o entendimento da inclusão da criança com deficiência se transforma. Diferente da integração, a escola toma para si o papel de mudar e se transformar para atender a cada aluno.

O termo inclusão de acordo com diferentes autores significa um processo contínuo e longo que deve ser conquistado paulatinamente e revisto ao longo do percurso educativo (Correia, 2016; Moreira, 2014; Tessaro, Waricada, Bolonha, & Rosa, 2005). A Unesco (2018), completa sendo uma ajuda a superar os obstáculos que limitam a presença, participação e conquistas de cada criança em sua vida escolar.

Segundo Gusmão et al. (2011), a UNESCO define o foco da escola inclusiva em quatro pilares da educação: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser. O desenvolvimento do aprendizado é o mais importante, observando e respeitando sempre as individualidades de cada aluno(a).



Modesto (2008), também acredita que a escola pode ser uma das primeiras oportunidades que a criança tem para aprender a conviver com outras crianças fora do ambiente familiar, como a primeira oportunidade de se socializar. Assim, possui objetivos importantes a serem alcançados, dentre os quais: oportunizar a aquisição de conhecimento; formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres; preparar para o trabalho e promover o desenvolvimento pessoal.

Para Aiscow (2009), a escola inclusiva busca valores inclusivos na prática do dia-a-dia escolar como:

- Aumentar a participação de estudantes e a redução de sua exclusão de currículos, culturas e comunidades de escolas locais.
- Reestruturar as práticas escolares, culturas e políticas de forma a responder a diversidade de estudantes em suas localidades.
- A presença, a participação e a realização de todos os estudantes vulneráveis a pressões exclusivas, não somente aqueles com deficiências ou aqueles categorizados como pessoas com necessidades educacionais especiais.

Carvalho (2018), salienta que se trata de uma mudança de paradigma, não apenas educacionais, mas também sociais. Numa cultura desabituada a conviver com indivíduos diferentes, que não seguem um padrão esperado pela sociedade.

Para Booth e Ainscow (2002), a inclusão escolar está em constante mudança, trata-se de um processo contínuo de desenvolvimento da aprendizagem e da participação de todos os alunos (as). Os autores advertem que não há uma definição única e consensual de inclusão. É um conceito que pode ser definido de várias formas, consoante os contextos e as pessoas envolvidas. A inclusão é, sobretudo, um conjunto de princípios.

O autor Carvalho (2018), acrescenta ainda que a escola inclusiva necessita estar atenta a um conjunto de atitudes, principalmente acolher alunos (as) com deficiência residentes na vizinhança da escola, para facilitar o acesso às turmas regulares. Além

de acesso, a comunidade se vê e se percebe dentro das instituições de ensino. Seja na farmácia ou no café a convivência, o ser visto fora da escola, aproxima e permite que as pessoas convivam mais com as diferenças. Se por um lado as semelhanças aproximam os elementos de um grupo social, por outro lado, são as diferenças que os tornam únicos, com as suas características, potencialidades e limitações próprias.

A diversidade é um ponto primordial na construção da inclusão e da escola inclusiva. Correia (2003), vem confirmar que a diversidade que existe entre os alunos é um fator positivo, que conduz ao desenvolvimento de comunidades escolares mais ricas e mais proficientes, procurando levar o aluno com deficiência às escolas do ensino regular e, sempre que possível, às classes regulares onde, por direito, deve receber todos os serviços adequados às suas características e necessidades.

Para Sanches e Teodoro (2006), existe uma nova perspetiva de escola inclusiva. O olhar como uma missão se destina a todos os alunos (as) e reflete na comunidade como um todo. Leva-se a compreender que seus membros devem ser abertos, positivos e diversificados, que não seleciona, não exclui, não rejeita; não tem barreiras, não é competitiva. Sua prática é democrática e a equidade educativa implica que todos são capazes de aprender e de contribuir para a sociedade onde estão inseridos.

É necessário também mudanças organizacionais e funcionais, nos diversos níveis do sistema educativo. A necessidade de incluir pede transformações para facilitar as articulações entre os diferentes agentes educativos, impõe modificações na gestão da sala de aula e do currículo. Assim, necessita de mudanças no próprio processo de ensino e aprendizagem de sala de aula (Ferreira & Cadavieco, 2017).

Para enriquecer ainda mais os alicerces da escola inclusiva Correia (2003) nos traz os seguintes pontos:

- Para além do papel da sociedade na qual todos (as) estão inseridos a escola tem um papel fundamental no que diz respeito a orientação. O lugar que a escola tem que ocupar aqui é de liderança. Liderança no sentido de, enquanto órgão diretivo, dar as funções e partilhar as responsabilidades com todo o

corpo educacional. Em comunhão com os educadores, professores, funcionários, pais e qualquer outro membro da comunidade escolar se sinta parte integrante do processo de inclusão.

- Colaboração e cooperação, a inclusão instiga a promoção de um ambiente de cooperação, respeito mútuo, confiança e entreajuda. Dos professores aos pais, todos devem trabalhar juntos, com foco na melhor maneira de promover o aprendizado para todos os alunos (as).
- Flexibilidade curricular e serviço, a inclusão promove um espaço de maleabilidade, onde os currículos predeterminados não têm espaço. Devem ser as necessidades de cada aluno(a) que ditam a velocidade e a forma a ser transmitido o conhecimento. Os serviços são desde os atendimentos com psicólogos e terapeutas da fala até os transportes usados pela comunidade escolar.
- Formação, para o autor, de uma forma incisiva, nos diz que a formação é obrigatória a todos os membros da comunidade educativa. Sem formações adequadas para os professores, os alunos (as) são privados de melhores oportunidade de aprendizado.
- Serviços educativos especiais, a inclusão deve proporcionar aos alunos (as) com necessidades especiais, dentro de suas particularidades, um apoio especializado com o objetivo de maximizar seu aprendizado. Esse papel cabe aos professores de educação especial.
- Apoios educativos, eles permitem que as planificações e trabalhos individualmente seja executados com os alunos (as). Esse atendimento contribui para a inserção futura dos alunos (as) na sociedade. Essa competência cabe ao professor de apoio.

Cruz (2009), vê a educação inclusiva como transversal na vida do aluno(a), todos e todas independentemente de quem sejam ou das suas necessidades de aprendizagem, fazem parte e tem um papel na sociedade. Ao estudarem em escolas regulares deve-se ter apoio adequado, para isso é necessário mudanças significativas nos conteúdos, na

forma de abordar os assuntos, nas estratégias usadas em sala e fora dela, na estrutura física do espaço.

Para Rodrigues (2013), a escola inclusiva pode vir do melhoramento da escola dita tradicional ou regular. Deve-se modificar três aspetos chave. Em primeiro, desenvolver na educação a rejeição a exclusão, a escola deve se organizar para que todos e todas sejam recebidos e acolhidos com sucesso. Em segundo, promover a diversidade. A vivência com condições de desenvolvimento diferente traz a aceitação. Por fim o terceiro ponto, as barreiras colocadas aos alunos (as) de forma ilógica. A escola criou formas de organização com regras e hábitos que não ajudam os alunos. Essas barreiras podem atrapalhar o aprendizado tirando sua motivação por aprender. O objetivo é de remover essas barreiras negativas e estimular os alunos (as), promovendo a autoestima e o gostar de aprender.

É importante não se ter uma visão simplista da escola inclusiva. Ela compreende um processo amplo e de reforma do sistema escolar. A escola deve abrir espaço para a diversidade humana e os professores devem estar continuamente em busca do aprendizado sobre como se deve ensinar, para que possam proporcionar um ensino de qualidade a todos (Tessaro et al., 2005).

### **2.2.A inclusão em Portugal: Marcos legislativos**

Em Portugal, o histórico de mudanças e processos de reestruturação para uma educação inclusiva seguiu os acontecimentos mundiais. Por vezes, um pouco mais tarde e outras mais cedo, o mais importante é que o País acolheu e olhou para o tema, aceitando os desafios propostos por ele. Atendo-se ao evolutivo processo de implementação da escola inclusiva, Lopes (2007), consideram que o Decreto-Lei 319/91 é o pilar legislativo da educação especial em Portugal.

Gomes (2013), completa que o Decreto-Lei 319/91 contempla a integração dos alunos (as) com necessidades educativas especiais nas turmas do ensino regular segundo os princípios de que a educação é para todos (as). Dá o direito de aprender de acordo com

as suas características e potencialidades, atendendo a individualidade de cada criança e centrando-se nas necessidades educativas de cada uma.

Baseado nos princípios de inclusão defendidos pela Declaração de Salamanca, foi criado em 2008 o Decreto-lei n.º 3/2008. Esse documento legisla o domínio da Educação Especial e define o seu âmbito de aplicação às crianças e jovens que têm alterações estruturais e funcionais de carácter permanente, que se traduzem em dificuldades continuadas em diferentes domínios, necessitando da mobilização de serviços especializados, para promover o potencial do funcionamento biopsicossocial (Ministério da Educação, 2008). Portanto, todos (as) deveriam ter serviços disponíveis para promover a aprendizagem ao seu potencial máximo. Para Alves (2017), o Decreto pretendia ser amplo, menos discriminatório e mais flexível, veiculando a ideia de um prolongamento das necessidades educativas.

No ano de 2018 o Decreto-lei n.º 3/2008 é revogado pelo governo Português. Em seu lugar, temos o Decreto-lei 54/2018 que: estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa. (Presidência do Conselho de Ministros, 2018, p. 2919)

O caminho para uma sociedade efetivamente inclusiva é longo. Saber como fazer, o que fazer e onde fazer é questões constantemente discutidas e estudadas. O Decreto-Lei 54/2018 e o Decreto-Lei 55/2018, fornecem as diretrizes para a promoção de uma educação inclusiva. Implementados no ano letivo de 2018/2019, as diretrizes ministeriais reafirmam o compromisso que as escolas têm com a inclusão, proporcionando a igualdade de oportunidades e o envolvimento parental.

Sua implementação gera muitas dúvidas e questionamentos, o que não seria de se estranhar, pois, o tema inclusão nos leva a isso. Sendo a inclusão um assunto desafiador, que leva a refletir não apenas a reestruturação de um sistema educativo mas, também, sobre qual o papel de cada agente pertencente a esse processo, em como

pensa e acredita na verdadeira inclusão. São mudança que vão além do sistema normativo e alcança as mudanças de pensamentos individuais, pensamentos e crenças de como cada pessoa acredita enquanto um ser social.

Correia (2016), define uma escola inclusiva como uma instituição do ensino regular, onde todos os alunos com as mais diversas capacidades, características e consequentemente, necessidades, podem aprender juntos, enfatizando o desenvolvimento global de cada aluno, adaptando o ensino e a aprendizagem às necessidades de cada aluno, aceitando diferenças e promovendo a igualdade de oportunidades.

Atualmente, o sistema educacional é composto por um conjunto de políticas públicas voltadas para o trabalho inclusivo. O quadro normativo que a sustenta traduz-se numa linha coerente, convergente, ligada entre si, que possibilita o melhor entendimento por parte das pessoas envolvidas com a educação. Estamos a falar do Decreto-Lei n.º 54/2018 (Educação Inclusiva), do Decreto-Lei n.º 55/2018 (Currículo), da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, das recomendações e orientações das AEC, entre outros.

Como dito anteriormente, essas normas educativas andam juntas no processo de implementação e na busca de aperfeiçoar a forma de educar as crianças. Seja pela busca de maior respeito pelos alunos (as), seja na busca de mais autonomia, tanto das crianças como dos processos de aprendizagem nas escolas, de maior flexibilidade da forma de ensinar e ter cada vez mais a preocupação com a aceitação da diversidade. O importante é que todos os profissionais da educação aceitem e trabalhem em prol da mudança, visando a inclusão.

### **3. AS BARREIRAS PARA A INCLUSÃO**





É possível destacar algumas barreiras para o trabalho inclusivo, vamos apontar por dois prismas centrais. O prisma pessoal, onde vem do interior de cada pessoa acreditar no que está sendo feito e trabalhado. O prisma estrutural/organizacional, onde a instituição, enquanto cuidadora do espaço e proveniente das intervenções, faz seu papel. Neste prisma está presente a comunidade a que a escola pertence.

### **3.1.A escola como barreira**

A premissa é pensar em espaços físicos onde o acesso livre seja permitido. Espaços pensados nos estudantes. Existem escolas sem vida, sem cores, sem atrativos e com falta de acessibilidade. O que leva os alunos (as) a rotinas tediosas e dificulta o trabalho criativo do professor. A comunidade escolar deve estar atenta e perceber se no espaço físico, uma cadeira de rodas consegue chegar a quadra poliesportiva ou passa por todas as portas da escola (Urbanek & Ross, 2011).

Muitas vezes não é possível incluir devido ao número elevado de alunos, estruturas das salas de aula e falta de material adequado. Os autores Fontes (2009) e Glat (2007), nos confirmam que o excesso de alunos (as) em sala, com ou sem dificuldades, dificulta o trabalho inclusivo pela ausência de atenção necessária nos processos de aprendizagem. Ainda referem, a rigidez curricular, a ausência de suporte especializado, apoio pedagógico e a formação pedagógica superficial e aligeirada. Todos esses pontos descritos estão diretamente ligados à forma como o sistema organizacional da escola trabalha a inclusão.

Urbanek e Ross (2011), em seu trabalho nos falam da rigidez e cristalização dos esquemas institucionais que promovem a desigualdade social e conseqüentemente nas escolas. Essa rigidez e dureza do sistema impossibilitam a realização de novas ações, tanto a nível individual como coletivo, caindo no esquecimento a ação de valorizar e ser valorizado, bem como a ação de respeitar e ser respeitado.

Pode-se apontar a ausência de desafios como barreira para a mudança na educação. A busca por anular os desequilíbrios que a inclusão provoca reflete no engessamento do ensino tradicional. Essa neutralização vem do próprio sistema educacional que se

propõe a se modificar, nas reformas do ensino para melhorar a sua qualidade. Mas que também trata de encontrar meios para facilitar a introdução de uma inovação, fazendo o mesmo que se fazia antes, mas sob uma outra designação ou em um local diferente, como é o caso de se incluir crianças nas salas de aula do ensino regular, mas com toda a estrutura dos apoios especial, para que não seja preciso rever as práticas excludentes do ensino regular (Mantoan, 2003).

Os agentes educativos, (todas as pessoas que trabalham ou participam do espaço escolar) para alcançar uma qualidade de ensino adequada para os alunos (as), com ou sem deficiência, precisam aperfeiçoar e rever suas práticas pedagógicas que devem estar preparadas e aceitar a diversidade. Para os autores Ferreira, Prado e Cadavieco (2017), esta perspetiva pressupõe saber lidar com uma população escolar heterogénea, conhecer e compreender as diferenças individuais no processo de desenvolvimento humano, um posicionamento que saiba discordar das práticas antigas centradas na homogeneidade.

A pesquisa realizada com Ferreira, Brandão e Santos (2010), referida por Ferreira, Prado e Cadavieco (2017) aponta a falta de formação dos profissionais na área da educação especial, as turmas como um número elevado de alunos, espaços de intervenção inadequados, poucos recursos materiais, falta de financiamento, má gestão dos recursos humanos e muita burocracia documental, como pontos que dificultam o trabalho com a educação inclusiva.

Caminhando na visualização das barreiras, a falta de comunicação entre as pessoas dentro da escola é um apontamento importante. Para Sanches (2011), diferentes entendimentos se geram à volta dos conceitos educação inclusiva e escola inclusiva (desde os diretores das escolas aos professores, encarregados de educação, funcionários e aos próprios alunos). Essa falta de entendimento conduz a práticas de organização e de funcionamento, por vezes mais excludentes do que inclusivas. Araújo e Linhares (2016), completa ainda sobre a dificuldade em oferecer um suporte adequado as famílias dos educandos (as) e a falta de comunicação com os mesmos.

O valor pragmático da inclusão não está apenas em observar a estrutura física e documental para receber todos os alunos e alunas. Está também no direito de cada família, cada aluno(a) em usufruir de uma escola diferente promotora de suas capacidades e valorizadora de seus direitos.

A sociedade também tem o papel de eliminar as barreiras físicas e romper com atitudes excludentes para que as pessoas com deficiência passem a usufruir e ter acesso a todos os recursos existentes na comunidade, para poder se desenvolver de forma plena a nível pessoal, profissional e educacional (Urbanek & Ross, 2011).

Resumidamente, em comunhão com diferentes autores são pontuados algumas das barreiras vividas diariamente acerca da inclusão escolar:

- Acessos e estrutura física das escolas desajustadas com a inclusão;
- O número elevado de alunos em sala, não se consegue efetivar o trabalho e nem dar atenção a todos;
- A falta de material adequado para o trabalho inclusivo;
- Falta de funcionários especializados;
- Falta de formação continuada;
- Rigidez e inflexibilidade na estrutura pedagógica;
- Falta de comunicação e informação dentro da escola.

Segundo orientações do Decreto-Lei 54/2018 (Presidência do Conselho de Ministros, 2018), cada escola tem o papel de reconhecer a diversidade entre seus alunos e assim encontrar formas de lidar individualmente com todas as diferenças. Isso traz para a escola comprometimento e autonomia para atuar, tanto a nível estrutural quanto com os profissionais envolvidos na educação inclusiva.

### **3.2. Papel do Professor “inclusivo”**

A figura do professor é fundamental no processo inclusivo, através deles os conhecimentos são transmitidos e principalmente vivenciados. O olhar de igualdade para tudo que é diferente e a aceitação são questões fundamentais para o processo

inclusivo acontecer. Aproveitar cada acontecimento ou cada ensinamento para mostrar que a inclusão pode acontecer de forma natural. Para Fontes (2009), a falta de preparo do professor em lidar com a diversidade é o maior impedimento da inclusão. Não basta estudar e se informar se não existe a ruptura com ideias antigas e preconceituosas. A aceitação da diversidade deve fazer sentido nas práticas pessoais.

Muitas vezes é exigido, independentemente das suas vivências culturais e experiências de vida, que acolham a todos os alunos indiscriminadamente (Urbanek & Ross, 2011).

Neste processo pessoal e profissional, o sentimento de acolhimento, motivação e mobilização por parte da instituição escolar, pais e comunidade facilitarão o fazer e ter atitudes diferentes. A falta de apoio, falta da interajuda e falta de vivências são obstáculos para a inclusão.

A UNESCO (2005) defende a inclusão como uma forma dinâmica de responder positivamente à diversidade dos alunos e de olhar para as diferenças individuais não como problemas, mas como oportunidades para enriquecer a aprendizagem. É nesta perspectiva que as construções inclusivas podem deixar de ter tantos desafios.

É importante refletir acerca das atitudes e representações negativistas que alguns professores possuem em relação à educação inclusiva. A implementação de práticas e de rotinas inclusivas dentro da sala de ensino regular são muitas vezes condicionadas por essas representações (Ferreira, Prada & Cadavieco, 2017). A busca por práticas estimulantes que promovam um aprendizado significativo para todos, anulam as ideias excludentes. Assim, se confirma que a formação especializada e contínua e a abertura para vivências inclusivas, em contextos do ensino regular, ajudará a ultrapassar muitas das barreiras psicológicas.

Segundo Glat (2007), em nossas vivências do cotidiano, muitas vezes nos deparamos com sentimentos que vão da perplexidade à frustração, da exaustão à impotência. Os medos em relação a reação dos alunos (as) com dificuldades ou da rejeição e exclusão dos alunos (as) com deficiência pelo restante da turma são criados e alimentam as dificuldades para se praticar a inclusão. Buscar as relações de interajuda e de apoio

entre os parceiros de trabalho ajudam a neutralizar os sentimentos que impedem que o trabalho aconteça.

### **3.3 A família: o papel fundamental no processo de inclusão**

Uma família ausente é um grande obstáculo para a inclusão. Ela tem o papel de cooperar e acompanhar ativamente todo o processo educacional de seu educando(a) (Pereira et al., 2018). A ausência e por vezes, a não aceitação da deficiência da própria criança, leva a falta de comunicação entre a família e a escola, impedindo um trabalho articulado e coerente da escola.

A família é o primeiro agente de educação e socialização de uma criança. Ela deve assumir a responsabilidade de estimular e criar as condições para que ela se desenvolva, explorando todas as suas potencialidades para que se torne numa indivíduo autónomo, independente e incluído na sociedade da qual faz parte (Barros, 2014).

De acordo com autores lidos, a família é um agente primordial no trabalho inclusivo, tem como dificuldades:

- Falta de conhecimento sobre a deficiência;
- Falta de informações e comunicação com a escola;
- Medo do que é novo e a rejeição da deficiência da criança;
- Falta de estímulos e tratamentos adequados;

Contudo, ao perceber as barreiras e entender um pouco como elas funcionam, nos empenham a fazer diferente. Todo o processo inclusivo é aprendido e vivenciado no dia-a-dia de nossas escolas. Saber o que impede nossas ações é o ponto de partida para fazer melhor.

Como nos relata Correia (2003), os agentes educativos devem criar uma atmosfera de troca entre a família e a escola. Também têm o papel de facilitar, informar de forma honesta e criar oportunidades para a participação dos pais no espaço escolar. Assim o caminho para a inclusão acontece de forma mais consistente.



#### **4. ATIVIDADE DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR (AEC) EM PORTUGAL**





O acompanhamento dos filhos em idade escolar, por vezes, é limitante. Neste sentido os pais não são capazes de compatibilizar os horários escolares dos filhos com os horários e rotinas exigidas pelo trabalho, obrigações e desejos pessoais. No amparo à família e a própria criança, o Ministério da Educação (ME), assumiu a implementação do plano da Escola a Tempo Inteiro. Essa se caracteriza por ser uma prestação de serviço que responda às necessidades das famílias, cumprindo o papel social de ser um serviço que credibiliza a Escola Pública enquanto estabelecimento social e educativo (Trindade & Cosme, 2010).

As escolas, além da metamorfose educacional, adequação às novas ideias e atitudes, no campo social e psicoemocional, passaram também a contemplar atividades direcionadas para o tempo extracurricular das crianças. Essas atividades impactaram no alargamento das propostas pedagógicas. Para Alves (2017), essas atividades são um complemento curricular, algo que deixa o processo de ensino e aprendizagem mais rico e diversificado.

Inicialmente, essas atividades nos tempos alargados eram serviços pagos, consequentemente, não eram todas as crianças a usufruir do serviço. Para suprir essa lacuna, em 2006, é publicado o Despacho nº 12591/2006 a 16 de junho, um programa governamental que tinha como principal objetivo a implementação do plano Escola a tempo inteiro. O plano atingiria todos os alunos (as) que frequentam a escola, de forma gratuita. Isso abriu as portas para toda a comunidade, sem discriminação de classes, raça ou necessidades educativas especiais. Todos e todas estariam juntos no mesmo espaço e tendo a mesma oportunidade de aprender. O plano fez com que a escola fosse convocada a assumir, além da educação, um papel notável na guarda e proteção dos alunos (as) (Pepe, 2012).

O programa Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) tem como objetivo oferecer aos alunos experiências diversificadas, que façam uma ligação da escola com o meio em que vivem. Ela se dá nos domínios das expressões artísticas, do desporto, inglês e tecnologias de informação e comunicação e também o apoio ao estudo.

#### **4.1.Enquadramento legal**

Segundo a Direção Geral de Educação (DGE), as AEC estão enquadradas no apoio as famílias, feito com a divisão de formas de atendimento, cada uma com suas funções específicas e integradas a escola. São três as formas de atendimento: Atividades de Animação e de Apoio à Família na Educação Pré-Escolar (AAAF); Atividades de enriquecimento Curricular (AEC) e; Componente de Apoio à Família no 1.º ciclo do Ensino Básico (CAF) (Direção-Geral da Educação, 2017). Em cada região são verificadas diferentes entidades responsáveis pela contratação de técnicos das AEC, ficando a cargo dos Agrupamentos Escolares a escolha e a contratação dos serviços. Os serviços são promovidos por Associações de Pais e de Encarregados de Educação, Autarquias locais, Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS). O Ministério da Educação tem como responsabilidade a comparticipação financeira com as entidades, partindo do custo anual por aluno em função do tipo e o número de AEC que são oferecidas (Medeiros, 2016).

A sua operacionalização impõe a elaboração de acordos de colaboração entre escolas e entidades promotoras, com a obrigação de planificação conjunta. Nesta organização é importante observar e mobilizar recursos humanos, técnico -pedagógicos e de espaços existentes nas escolas e disponibilizados pelas entidades promotoras (Pepe, 2012).

#### **4.2.Legislação**

O despacho vigente sobre as AECs, em 2019, é o de nº 9265-B/2013 de 15 de julho de 2013. Nesse despacho, que revogou o de 2006, foram aprovadas as normas a aplicar no período de funcionamento dos estabelecimentos de ensino do pré-escolar e do 1º ciclo, bem como a oferta das Atividades de Enriquecimento Curricular. (MEC, 2015)

Nas recomendações da DGE, percebe-se o chamado para a visão na qualidade e nas vivências diárias dos alunos (as). Em consonância com o artigo 31º da Convenção Internacional dos Direitos da criança, podendo ler-se nela deve ser dado à criança o

direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.

No documento redigido em 28 de junho de 2013, a DGE exprime de um modo muito claro sua preocupação com a forma de aplicação das atividades nas escolas. Nos relatórios de avaliação é constatado que a excessiva escolarização das atividades de enriquecimento curricular está se traduzindo em trabalhos formais e sem articulação com os agrupamentos. Também é visto a utilização do tempo para se trabalhar conteúdos que fazem parte do currículo. Portanto, o cuidado com o tempo de AEC é fundamental, uma avaliação constante no sentido de cuidado e de se respeitar seu verdadeiro papel que é levar os alunos ao brincar pedagógico (Fialho et al., 2013).

Não paramos de brincar porque envelhecemos, envelhecemos porque paramos de brincar, como nos diz a Direção-Geral da Educação (2017). Nesse documento, George Bernard Shaw, relata a importância dos jogos infantis nos trabalhos realizados pelas AEC. Aponta que no brincar o aluno(a) desenvolve a criatividade, autonomia e responsabilidade. Antunes (2016), refere ainda que durante o brincar a criança estabelece limites próprios de tempo e espaço sendo um eficiente meio estimulador da inteligência.

Portanto, de uma forma pragmática, as AEC são levadas a reinventarem-se em cada espaço escolar. Isso contribui de uma forma positiva para a execução dos processos de inclusão escolar. É nesse espaço que por lei, se prevê que os trabalhos lúdicos e pedagógicos andem de mãos dadas, facto que deve ser reconhecido principalmente pelos atores do processo, como um nicho de possibilidades para se criar e recriar a educação. Como nos fala Guedes (2013), o reconhecimento do valor formativo do brincar é o ponto de partida para o trabalho acontecer. Acreditamos, pois, que agregando as brincadeiras infantis e os jogos na prática pedagógica a aprendizagem acontece com mais significado para os alunos (as).

Com o mesmo espírito lúdico, as AEC são um meio onde a inclusão pode ser potencializada. Na escola, transversalmente às brincadeiras e aos jogos, os alunos (as)

trocam experiências riquíssimas, proporcionando momento de prazer onde o aprender se dá de forma divertida, incluindo também a socialização com os seus pares. Nos processos de inclusão a socialização é um ponto de partida em relação à aceitação entre as crianças. As interações sociais proporcionam o desenvolvimento da imaginação, criação e percepções do mundo, processos que humanizam o ser humano (Cintra, Veiga, & Veiga, 2016; Martins, 2018; Fragoso & Casal, 2012).

Seja qual for a área de atuação nas AEC, todas podem ser executadas utilizando-se o brincar. Seja no espaço externo da escola como na sala de aula, o convívio, as trocas, as experiências que o brincar proporciona, são um meio rico de promoção das práticas inclusivas.

## 5. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

*“Ouvir dizer o que devemos fazer é muito diferente de descobrir pessoalmente o que devemos fazer.”*

(Corey,1979)



Ao pensarmos em um projeto de investigação devemos escolher o tema considerado problema ou a questão de partida e planejar todo o trabalho. É necessário identificar os objetivos, delinear e traçar a metodologia mais apropriada para a investigação. Chizzotti (2006, p. 93) refere que a pesquisa é: “Uma busca sistemática e rigorosa de informações, com a finalidade de descobrir a lógica e a coerência de um conjunto, aparentemente disperso e desconexo de dados, para encontrar uma resposta fundamentada a um problema bem delimitado, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento numa área ou numa problemática específica.”

Em investigação educacional percebemos a necessidade de uma pesquisa sobre a prática escolar e a obtenção de resultados a partir do envolvimento dos sujeitos no processo educativo. Assim sendo, os resultados das ações podem ser observados e apresentados, analisados e discutidos na vivência do dia-a-dia.

Nesta lógica, o trabalho realizado encontra-se inserido numa abordagem qualitativa de caráter fenomenológico e interpretativo, tratando-se de um estudo de caso, tendo em vista, embora de forma indireta, influenciar os professores das AEC ao nível das suas práticas inclusivas.

A abordagem qualitativa recorre a práticas de recolha de dados descritivos. Neste trabalho houve um envolvimento direto com grupos sociais na busca de soluções para suas angústias e anseios e também na maior articulação entre a teoria e a prática na produção de novos saberes (Toledo & Jacobi, 2013).

### **5.1. Definição dos objetivos**

Objetivos Gerais:

Esta pesquisa tem dois objetivos gerais que são sequenciais: captar como os professores das AEC percebem a inclusão escolar e, a partir daí, elaborar uma brochura de apoio às práticas inclusivas

## **5.2.Descrição do Instrumento de recolha de dados e dos procedimentos**

A inclusão é o ponto central deste trabalho. A partir disso se indaga sobre os processos, barreiras e desafios colocando como questão de investigação a seguinte: como os professores das AEC percebem a inclusão?

Optou-se pelo uso de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas tiveram como ponto de partida um roteiro de questões. As perguntas estavam focadas na temática da inclusão, indo ao encontro dos objetivos do trabalho.

O proveito tirado das entrevistas é imenso, dando a possibilidade de acesso a uma grande riqueza informativa e a hipótese de o investigador esclarecer alguns registos no seguimento da entrevista. Para Bogdan e Biklen (1994), referido em Guiomar (2019), as entrevistas semiestruturadas proporcionam recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo. Permite ainda que os entrevistados fiquem à vontade, para expressar de forma espontânea a linha de seu pensamento e relatar as vivências com mais liberdade. Ao deixar claro os objetivos da entrevista, mostramos quão importante é a participação de cada entrevistado.

As entrevistas foram realizadas de forma individual e foi dado conhecimento prévio dos objetivos do trabalho.

Os entrevistados foram abordados diretamente pela pesquisadora. Essa abordagem justificou-se pois a pesquisadora atuava nas mesmas escolas das pessoas entrevistadas, buscando marcar a hora e o local mais conveniente para a realização das entrevistas.

Inicialmente foram abordadas 22 pessoas e apenas duas não se disponibilizaram a participar.

As entrevistas foram realizadas nas escolas onde cada profissional trabalha, em espaços cedidos para o efeito.



As entrevistas demoraram uma média de 25 minutos, a mais curta foi de 9 minutos e 49 segundos e a mais longa de 38 minutos e 6 segundos. Os entrevistados (as) mostraram-se disponíveis e interessadas pelo tema da entrevista. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas.

### **5.3. Caracterização dos entrevistados/participantes no estudo**

Participaram neste estudo 20 profissionais, 15 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, que se encontram a exercer funções nas AEC, no mesmo agrupamento de escolas, em Coimbra, mas em diferentes escolas. À data das entrevistas possuíam idades entre os 25 e os 45 anos de idade (média de 32 anos).

Em relação as habilitações literárias constatou-se a existência de: 5 licenciados na área do desporto com mestrado na mesma área; 3 licenciados na área de línguas português/inglês e em português/francês; 4 licenciados em música, tendo 1 mestrado na mesma área; 1 licenciada em educação básica; 1 licenciada em animação sócio-educativa e com mestrado em educação para a saúde; 5 profissionais de nível técnico em sócio animação e 1 em ação social.

Relativamente ao tempo de serviço, específico às AEC, constata-se o seguinte:

Tempo de serviço	Quantidade de professores/as
1 a 3 anos	7
3 a 6 anos	1
6 a 9 anos	2
Mais de 9 anos	10

Quadro 1: Tempo de serviço dos entrevistados nas AEC



## **6. APRESENTAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS**



Para tratarmos os dados reunidos nas entrevistas semiestruturadas, utilizamos a técnica de análise de conteúdo por nos parecer ser a mais adequada para cumprir os objetivos do trabalho. Segundo Dias (2013), a análise de conteúdo oferece a oportunidade de tratar sistematicamente informações e testemunhos, que tenham um determinado grau de profundidade e de complexidade.

Optamos por apresentar os dados no seguimento do guião das perguntas das entrevistas, separando os assuntos por categorias.

Assim, a análise de conteúdo realizada foi dividida em sete grandes categorias a saber:

Categoria 1: Formação na área da inclusão

Categoria 2: Experiência de trabalho com crianças com deficiência

Categoria 3: Estratégias usadas na intervenção com crianças com deficiência

Categoria 4: Concordância com a perspectiva inclusiva e o conceito de inclusão escolar

Categoria 5: A inclusão como desafio

Categoria 6: Obstáculos

Categoria 7: Estratégias inclusivas utilizadas

### **6.1. Categoria 1 - Formação na área da Inclusão**

Em relação à formação obtida na área de inclusão escolar apenas seis dos entrevistados já auferiram de formação nesta área. Duas professoras relatam ter feito formações, ambas por quererem entender melhor este assunto e para se atualizarem. Três dos entrevistados fizeram cadeiras sobre temáticas relacionadas com as necessidades educativas especiais, no curso de mestrado, ligadas ao desporto. Uma das professoras fez a formação em educação especial através do Centro de Emprego de Coimbra (IEFP).

## **6.2. Categoria 2 - Experiência de trabalho com crianças com deficiência**

Todos os 20 professores das AEC entrevistados relataram que já trabalharam ou trabalham com crianças com deficiência. No entanto, 6 dos professores não definiram as deficiências específicas. Dentro do contexto das deficiências, os professores relataram o espectro do autismo como maior ocorrência, 14 professores relataram o trabalho com crianças com perturbação do espectro autista. A trissomia 21 também foi relatada por 3 professores. Outros 3 professores descreveram a paralisia cerebral e 2 professores a síndrome do X-frágil. Um dos entrevistados referiu ainda a deficiência visual. Duas professoras relataram que não sabiam exatamente o diagnóstico dos discentes, mas que os mesmos requeriam muita atenção, por isso os consideravam alunos com necessidades educativas especiais.

## **6.3. Categoria 3- Estratégias usadas na intervenção com crianças com deficiência**

A grande maioria dos professores (19) descreveu estratégias diferenciadas em relação aos alunos com deficiências, destacando-se as seguintes quatro:

### **1 - Recurso aos pares pedagógicos**

Quase metade dos professores entrevistados (42,1%) responderam recorrer à interajuda entre os alunos, referindo que os seus colegas são a ponte para o trabalho acontecer, como relata, por exemplo, a entrevistada 20: *normalmente dou responsabilidade a outros dois alunos sem necessidades educativas especiais, da mesma turma. Para terem a responsabilidade de estarem a aprender a estarem com eles, a inclui-los na turma e assim foi muito mais fácil, como por exemplo, saltar à corda. A ensinarem a eles a fazer frente a frente os dois a saltarem a corda, a dizer "salta" e eles saltavam. Foi uma maneira fácil e inclusiva que eu encontrei de trabalhar com eles, porque se eu trabalhasse à parte ia deixar de dar atenção aos outros e se desse mais atenção aos outros e não desse nenhuma aos NEE ia haver ali uma separação muito grave e eu achei que a melhor estratégia era incluir.*

### **2 – Adequações curriculares e materiais**

Uma percentagem menor de professores (37%) referiram modificar o planeamento, seja com materiais diferentes ou estratégias para manter a atenção dos alunos(as) com deficiência. Como disse uma entrevistada: *para já é sempre uma aprendizagem os miúdos são sempre diferentes, não podemos lidar com todos da mesma forma, as estratégias tem que ser sempre diferentes* (Entrev.11). Outra nos fala: *eu queria que eles fizessem o trabalho deles. Mudei o material para mais sólidos (concreto) e figuras...* (Entrev. 8). E ainda: *temos que ter cuidado com o planeamento, uso muitos jogos com regras.*

### 3 – Observação do aluno

Uma percentagem relativamente reduzida de professores (16%) busca através da observação prévia do aluno(a) com deficiência, pontos de interesse para assim mantê-lo na atividade. A título de exemplo apresentamos as seguintes frases: *estudo o comportamento deles* (Entrev. 16). Outra entrevistada diz: *vais andar meio período a conhecer a criança, perceber o que a criança gosta mais, o que desperta mais interesse* (Entrev.12).

### 4 – Exemplificação inicial

O grupo mais reduzido de professores (11%) fazem o possível para iniciar a aula com a criança com deficiência, pois assim é uma garantia que participará da atividade por mais tempo. O entrevistado 15 descreve: *tentava sempre no inicio da atividade, para sempre iniciar, pois sabia que depois ele não vai mais participar ou participar pouco, e sempre que eu podia ir até ele tentava incluir novamente.* Nesta situação o professor tinha 20 alunos e sem nenhum apoio de outro professor.

## **6.4. Concordância com a perspectiva inclusiva e o conceito de inclusão**

Diante desta pergunta, a maioria dos entrevistados pararam para pensar um pouco, reagindo com uma respiração profunda e mudando de posição na cadeira. No entanto, a grande maioria dos entrevistados concordam que a inclusão escolar acontece de forma plena, embora alguns tenham referido a necessidade de serem criadas condições

e outros terem referido alguns condicionalismos práticos. A título exemplificativo transcrevemos aqui os comentários feitos durante as entrevistas:

*Agora se eu sou totalmente a favor... sim, mas só com algumas condições, acho que é preciso primeiro ter essas condições, que é a tal de ter uma pessoa na sala de aula onde haja crianças assim porque são crianças que exigem muito.*  
(Entrev. 1)

Houve um entrevistado que disse diretamente não concordar com a inclusão escolar em determinados casos, referindo:

*Teria que haver um espaço diferente para eles, assim caso profundo (relatando o caso do espectro do autismo) era melhor estar uma instituição especial, e ser cuidado como deve ser, com atenção especial com profissionais a dar uma outra atenção, cuidado como deve ser. A turma toda fica prejudicada por causa dele.* (Entrev. 3)

Quanto à pergunta sobre o que entendem ser a inclusão escolar, foram diversas as respostas. A maioria dos entrevistados (17 entrevistados) focaram as suas respostas nas questões dos direitos humanos, embora outros aspectos também tenham sido mencionados. Assim, as perspectivas dos entrevistados sobre o que é a inclusão escolar, apontam para o campo da pedagogia, dos direitos humanos, da tentativa de normalização de todas as crianças, e ainda uma perspectiva centrada nas limitações das crianças e formas de superação, como podemos verificar abaixo:

- A inclusão escolar é a escola estar preparada para receber as crianças, a escola enquanto equipe de pessoas e estrutura física;



*Para incluir a escola tem que ter uma equipe preparada para receber qualquer tipo de criança. Não adianta falar vamos incluir, mas tem que estar preparados para isso. Equipe preparada é fundamental. (Entrev. 10)*

- A inclusão escolar é ver os alunos (as) todos juntos na mesma sala, respeitando as diferenças e ritmos de aprendizagem de cada um, sem obedecer a um padrão:

*Independentemente das capacidades de cada um acho que todos tem que ter as mesmas oportunidades de aprendizagem, de brincadeira, fazer tudo igual as outras crianças, sem nenhuma discriminação ou nenhuma diferença. (Entrev. 14)*

*É um aluno estar com os colegas mas respeitando as diferenças deles dentro do meio. respeitando as diferenças dele e humm... aceitar as dificuldades dele tentar fazer as coisas de forma diferentes, mas não ir sempre pelo padrão. (Entrev. 5)*

- A inclusão escolar é dar as mesmas oportunidades de aprendizagem e convívio social de forma igualitária, é proporcionar os mesmos direitos e os mesmos deveres:

*A inclusão para mim é tratar as crianças todas de igual forma, é não fazendo distinções da raça, da cor, se possa ter algum problema físico ou mental, até porque eu cresci um bocadinho com essa situação por ser o tom de pele diferentes, Desde criança que sentia alguma exclusão dos colegas. (Entrev. 2)*

- A inclusão escolar é tentar que todas as crianças tenham o mesmo nível, não havendo discrepância, tentar nivelar:

*Aquele é muito bom sim senhor e o outro nós vamos tentar que o de baixo consiga chegar perto do que é melhor. (Entrev. 1)*

- A inclusão escolar é ter consciência das limitações dos alunos (as) e para isso adaptar, traçar estratégias e objetivos diferentes:

*Eu acho que primeiro de tudo também é preciso haver consciência que há limitações. Eu acho que ninguém espera que eles consigam atingir patamares como os outros, fazer as coisas tão bem feitas e pronto. Eles têm limitações, não é preciso esconder isso. Agora temos é que traçar objetivos diferentes. (Entrev. 17)*

*É incluir é reconhecer que aquela criança é mais um igual a todos os outros. ok ... tem as suas dificuldades, certo, tem seus limites..., mas nos temos que arranjar estratégias para que ele atinja não da mesma forma que os outros, mais atinja, as brincadeiras, o estudo, as atividades. Isso é inclusão. (Entrev. 12)*

*É adaptar crianças que tenham problemas cognitivos ou quaisquer outras, junto com os outros, e que eles tenham não digo que seja no mesmo nível de aprendizagem, mas ... que consigam chegar e fazer alguma coisa assim. (Entrev. 11)*

### **6.5.Categoria 5 - A inclusão como desafio**

Em relação aos desafios que a inclusão escolar pode causar, detectamos diferentes percepções. Por um lado, uma visão do desafio com um cariz positivo, que leva a pessoa a estar preocupada e que serve de estímulo para a realização do trabalho e do outro lado, um desafio com uma componente mais negativa, que gera insegurança e angústia quanto ao que deve ser feito, provocando muitas vezes um bloqueio na realização do trabalho.

Um dos entrevistados disse: o tema não é desafiador, que lida sem problemas com a inclusão.

*Não encaro como desafio encaro como... é um dia a dia....damos a volta. Lidar diariamente com isso. (Entrev. 13)*

Os outros 19 professores responderam ser um tema desafiador e foram focados aspetos que se enquadram em três grandes categorias, tais como: i) atitudes; ii) adequação na planificação e: iii) falta de informação e formação.

### 1. Atitudes

Um ponto desafiante para 8 dos professores é o pensamento preconceituoso e de exclusão que existe em nossas escolas. Não apenas para crianças com deficiência, mas de etnias e raças diferentes. Esses aspetos sociais que são trazidos de casa são difíceis, devendo-se sensibilizar as crianças e também os próprios colegas de trabalho sobre o tema inclusão. Seja por conversas, formações ou colóquios para eles é importante falar-se sobre o tema. Seguem exemplos:

*Eu acho que sim... eu que vivi (a exclusão) e agora tenho a outra perspectiva, a do observador, e muitas vezes penso nisso. Nunca fui uma pessoa de estar com grandes limitações de inclusão, não sou racista, foi sempre uma educação que o próximo é igual. Mas nas escolas não vemos isso. (Entrev. 9)*

*É uma diversidade maior em que se nota muito isso, Porque aquele é cigano”, “Porque aquele é preto”, “Porque aquele é coiso” e eles criam essas divergências. Ve-se aí essa falta de inclusão escolar e acho que era um tema que até os próprios miúdos deviam ter em certa aulas, uns certos colóquios, vamos chamar assim, sobre esse tema porque as vezes ve-se ou aquele miúdo que por ter um certo problema*

*fica de lado e ve-se várias vezes essas coisas e acho que se conseguirem equilibrar.*

(Entrev. 1)

*Eu acho que o desafio é neste sentido, de desconstrução do que vem de casa....*

(Entrev.15)

*Nós caímos no erro de ser nós próprios a mostrar e chamar a atenção para as diferenças das crianças, para obrigar as outras crianças a incluir aquela criança.(*

Entrev. 6)

*Cabe a nós não fazer este tipo de coisas, nós adultos, porque depois as crianças acabam por ouvir isso e acabam também por fazer, somos exemplos nas falas e nas atitudes. É um tema que hoje em dia que nós devemos trabalhar na escola, trabalhar entre amigos, debater esse assunto porque não é fácil porque hoje em dia o mundo é complicado. (Entrev. 2)*

## 2. Adequação na planificação

Foram 4 os professores que mencionaram a adequação da planificação como algo que pode ser difícil no dia-a-dia, seguem exemplos:

*O dia não é igual, tem dinamismo.... dinâmico que é diferente. O que foi ontem não é hoje. Pois não é estar aqui a programar uma coisa e até podes programar se eu puder faço, se eu puder... se não... temos um plano B, o que eles quiserem... tem que ser assim... ( Entrev. 12)*

*Eles embora até tenham o mesmo nível médico, tenham a mesma indicação, eles podem ser os dois autistas, mas nunca tem dois miúdos com os problemas iguais e nunca lidam com a mesma coisa da mesma maneira. (Entrev.8)*

### 3. Falta de (in) formação

O desafio relacionado com a falta de (in) formação foi mencionado por vários professores (as) não sendo possível quantificar exatamente uma vez que as respostas a esta pergunta não foram muito contundentes.

*Acho que ninguém sabe muito bem perceber o que é inclusão... acho que tentamos... como devemos fazer no contexto atual de educação. Enfatizando aqui a necessidade da educação em seguir padrões. porque é tudo muito padronizado... tudo muito padrão...e não têm atenção as dificuldades de alguns miúdos eu vejo pelo meu, (tem um filho autista), uma criança que exigem que ele comunique oralmente, quando a principal questão dificuldades da problemática dele é precisamente a comunicação. (Entrev.5)*

*Eu vou sendo sincero, não me sinto muito à vontade. Se tiver um aluno com uma deficiência muito grande sou muito notório para o incluir ele vai ser um grande desafio, pronto, seja visual, seja uma deficiência motora, Ainda não tive essa experiência mas acho que quando tiver vai ser muito desafiador e não vou estar à vontade e nem vou estar preparado para isso, mas é desafiador claro e é motivante também, porque eu acho que nós temos que funcionar assim, não podemos sempre na nossa zona de conforto, estagnamos e pronto. (Entrev. 7)*

*Sinto-me um bocadinho desamparada, pois o X reage com choro e não consigo conversar com ele. (Entrev.14)*

Nas palavras de alguns entrevistados, foram aferidas condicionantes como:

*É desafiante para mim praticar a inclusão sem dar conta que estamos incluindo. (Entrev.7)*

*Vencer o cansaço é um desafio, estar preparada para o trabalho que suga as energias torna-se um desafio. É, por acaso eu tenho um dia bem preenchido, porque ele só acaba às dez da noite, o meu dia de trabalho e depois no dia a seguir outra vez às 7 da manhã. Só que eu tirei o mestrado e não foi por tirar ou e porque não gostasse de outros, foi mesmo porque eu gosto de crianças, gosto mesmo de dar educação física e vi isso como um refúgio, um refúgio do meu trabalho, para sair um bocadinho, e apesar de pronto as criança tiram muita energia de nós, mas olha... renova!. (Entrev. 19)*

## **6.6. Categoria 6 - Obstáculos**

Quanto aos obstáculos vivenciados pelos professores podemos dizer que são bem parecidos e que convergem em assuntos pertinentes ao tema. As barreiras para viver os processos inclusivos foram divididas em cinco blocos: i) questões organizacionais/estruturais; ii) questões comunicacionais e de trabalho em equipa; iii) questões relacionadas com a falta de (in)formação; iv) questões sobre atitudes e comportamentos; v) gestão pedagógica das aulas e do grupo.

### **1. Organizacionais e estruturais:**

- Onze professores (as) referiram o elevado número de alunos:

*É assim, as turmas são muito grandes, as turmas que eu tenho apanhado são grandes, com vinte, vinte e poucos alunos e acabam por não conseguimos dar tanta atenção como tu querias. (Entrev 16)*

*Nós acabamos por ter muitos alunos e não conseguimos dar a atenção que eles necessitam, os recursos humanos que são poucos. (Entrev 4)*

- Cinco professores (as) referiram a falta de funcionários e o tempo reduzido das AEC :

*Fico sozinha com elas, muitas vezes é ter três miúdos na turma, em que um tem necessidades educativas especiais e que dois, ao meu ver, têm hiperatividade e encontra-se isso numa turma e aí é um bocadinho difícil lidar com eles. (Entrev. 19)*

*Neste momento é o tempo, que eu tenho com eles... (Entrev. 5)*

- Quatro professores (as) aontaram a falta de materiais adequados para o trabalho e espaço físico deficiente:

*Ah, isso nas AEC o que a gente dá sempre falta é espaços físicos e materiais. Este ano tenho até espaço físico, não tenho material diverso para fazer.(Entrev. 1)*

## 2.Comunicacionais e de trabalho em equipa:

- A falta de comunicação com os pais, Encarregados de Educação e professores titulares, três professores (as) mostraram grande preocupação quanto:

*Algumas professoras e os pais vêm-nos como professoras das AECs, que só vão lá uma horinha. Então não temos nada que saber do que é que se passa com os alunos, às vezes, nem sabemos que eles têm necessidades educativas especiais, não sabemos que imagina... tiveram problema em casa, um problema familiar e por isso estão mais sensíveis, ou seja, caímos ali de paraquedas e às vezes numa hora não conseguimos filtrar essa informação porque é muito pouco tempo. (Entrev. 16)*

### 3.Falta de (In) formação

- A falta de formação na área de educação inclusiva foi mencionada por 12 professores, tendo sido veementemente referido por um deles (as):

*Nós não temos nenhum tipo de acompanhamento, nem de alertas, nem de formação para ir encontrar crianças e jovens diferentes. (Entrev. 16)*

### 4.Atitudes e Comportamentos

- O preconceito e a exclusão velada foram apontados por 9 professores (as). Os exemplos nos mostram:

*Bom... um deles é o preconceito que as crianças já tem desde novas pois repetem o que veem em casa... e ... eu nas AECs, por acaso estou até no 2 ano seguido em escolas que tem uma diversidade muito grande e são ciganos, junto com ucranianos e enfim... e tem as características deles que realmente eles tem uma cultura diferente, que tão ali juntos e nós temos que ter noção de que existe aquela cultura diferente que eles agem de certa forma para viver a cultura dele. (Entrev.15)*

*Realmente, os obstáculos que a gente possa encontrar que hoje em dia se calhar é a parte cultura, porque vemos crianças que vêm de outros países e que depois, às vezes, não se conseguem adaptar logo à nossa cultura e acabam por ser um bocadinho excluídos... e cabe a nós realmente depois apresentar a nossa cultura. (Entrev.2)*



- A educação que é passada pelos pais com relação as crenças, valores, comportamentos e atitudes foi apontada por 8 professores (as):

*Que é uma educação que eles trazem de casa, mesmo por exemplo o falar, até nas pessoas por exemplo, é as pessoas de cor, aquele é preto, aquele cigano..., os pais próprios, mesmo os pais dizem essas coisas e eles trazem isso um bocadinho formatado de casa e é muito difícil. (Entrev. 20)*

*As vezes educação ou a falta dela que os outros trazem de casa. De crianças que não estão preparadas para lidar com meninos com NEE ou com diferentes a nível económico, vemos muito. Eles não estão preparados. A escola fazia uma visita a Quinta da Coraria, com crianças deficientes, um lugar aberto. Tive uma aluna que não quis ir, eu não vou, quando via alguma criança com deficiência ela escondia-se. Eu senti a necessidade de falar com a mãe e disser essas coisas... eu mudei quando tive o X (filho), comecei a ver de outra maneira... e se fosse o nosso... eu tive que falar com a mãe, ela mesmo tinha sentido isso, esse medo, essa repulsa dos miúdos deficientes e tentava mudar aquilo. Era dela... isso as vezes é difícil, como algo que vem de casa. (Entrev. 8)*

##### 5. Gestão pedagógica das aulas e do grupo

- Os comportamentos inadequados como, falta de escuta, falta de limites, não cumprimenta das regras, desrespeito e falta de interesse por parte dos alunos/as são vistos por 5 professores (as) como impedimento de um bom trabalho não só inclusivo, mas de qualquer trabalho escolar. Também foi referida a dificuldade em construir uma comunicação efetiva com os alunos (as) e de cativá-los para manter o interesse pela aula, três professores (as) tem esse ponto como barreira para o trabalho:

*Acho que sobre tudo é a disponibilidade deles, eles muitas das vezes, não estão para aí virados ou não se interessam o suficiente pelo exercício, é um bocado uma*

*questão de entrega, não era aquilo que eles queriam fazer, então vão fazer contrariados, ao estarem a fazer contrariados não vão fazer bem ou não vão fazer da maneira que eu queria que eles fizessem, acho que é um bocado da concentração. (Entrev.7)*

### **6.7.Categoria 7- Estratégias inclusivas utilizadas**

Na prática do dia-a-dia é fundamental que os educadores tenham estratégias de trabalho, principalmente quando se têm alguma dificuldade. Seguem descritas as estratégias utilizadas durante as vivências escolares como: i) adaptações curriculares e estruturais; ii) partilha de conhecimento entre pares; iii) trabalho de avaliação e observação da turma; iv) uso de recursos pedagógicos diferenciados; v) uso de estratégias pedagógicas diferenciadas; vi) estimular construção de laços afetivos eficazes.

#### **1.Adaptações curriculares e organizacionais**

- Dois dos entrevistados (as) responderam que não faziam nada de diferente, apenas seguiam com suas aulas, com calma e paciência:

*Ora... com muita calma e paciência.... porque é o dia a dia... temos um obstáculo e contornamos... (Entrev. 13)*

- Uma professora diz que as vezes recorre a ajuda de um funcionário e tira o aluno(a) da sala por algum tempo, e usa também de outro recurso em sala, como deixá-lo brincar com a plasticina:

*Olha já aconteceu eu ter que chamar o funcionário e levar ele, pronto. E completa explicando, é assim quando a confusão na sala de aula é tipo Bola de Neve,*

*começam a falar alto o outro, o outro, o outro... pronto, fica um caos e então uma pessoa tem que ir ao foco do problema, neste caso retirar o aluno da sala de aula. Ah... esse aluno em particular tinha uma caixinha na sala com plasticina ele podia ir para outra mesa fazer um bocadinho. (Entrev. 17)*

- Um dos professores (as) consegue em sua escola juntar duas turmas e assim tem mais um adulto na sala para ajudar com a turma, neste caso específico as turmas são de menor número. Como no exemplo a seguir:

*Para superar a tal situação fizemos a sala aumentada com o número de crianças, mas tivemos uma pessoa para apoiar o R. Estava nós apoiávamos também os outros né, era mais fácil duas pessoas. Mas havia uma pessoa que estava destacada para o R, apoia a ele. sentávamos com ele, dizíamos o que fazer, tem que cortar, o que não conseguia nos apoiávamos mas tentávamos que fosse ele a fazer as coisas mal o bem porque acho que as coisas devem ser feitas, as vezes os meninos haaa está tudo mal cortado, não preocupa, está bem... foi feito por ti, pronto aí é isto o que eu tento passar pronto... quando nos o que não ... para ultrapassar... a falha da pessoa que não está lá, foi aumentado o número de alunos na sala, mas tínhamos uma pessoa a mais. Saímos mais cansadas, mas... com a consciência que aquela criança fez as coisas, tinha aquele apoio que faltou inicialmente.*

*( Entrev. 12)*

## 2.Partilha de conhecimento entre pares

- Um dos entrevistados (as) usa também como estratégia a troca com as colegas de profissão, partilha de suas angústias e dúvidas:

*‘É ... pedir ajudar às vezes, por não saber lidar com a situação, porque as estratégias que eu colocava não estavam a dar resultado pois tinha que pedir ajuda e não consegue chegar a tudo lado e pedir ajuda. ( Entrev.11)*

### 3.Trabalho de avaliação e observação da turma

- Dois professores (as) relataram que a observação é a primeira estratégia usada no início do contato com a turma, assim com a radiografia da turma feito, o entendimento para o trabalho fica mais fácil. Cada turma tem seu jeito e as formas de trabalho, principalmente para se chegar a inclusão onde as particularidades são importantes:

*A base é a observação para se trabalhar bem. (Entrev. 16)*

### 4. Uso de recursos pedagógicos diferenciados

- O uso de livros infantis que tratem de temas da inclusão, raças e culturas diferentes, com o uso dos jogos e brincadeiras de cooperação, regras e interajuda. Assim foram materiais pedagógicos referidos por 10 professores (as) a título de exemplo vejamos o que o entrevistado 15 e 7 referiram:

*A partir do momento que eu tento incluir todos, tento fazer que todos participem. Uso muito jogo de cooperação para eles perceberem que um precisa do outro. (Entrev. 15)*

*Uso jogos com objetivos estimulantes. Exercícios para cativar as crianças. (Entrev.7)*

## 5. Uso de estratégias pedagógicas diferenciadas

- A importância de propor desafios para estimular a participação, a inclusão e o bom comportamento, foram mencionados por 3 professores (as):

*Eles têm que ter um objetivo, têm que levar um objetivo aos exercícios, seja competitivo uns com os outros, seja por cooperação uns com os outros, eles têm que ter sempre um objetivo nos exercícios e esse é o fundamental para as crianças desta faixa etária.* (Entrev. 1)

- Uso de estratégias de recompensa por bom comportamento e prêmios são usados por 6 professores (as), para que se consiga trabalhar com eficiência e com resultados positivos:

*Não eram prêmios de outro mundo e eles as vezes iam por essa parte, e nesse ano viu-se ali um comportamento a melhorar.* (Entrev.1)

*Uso a recompensa para garantir o bom comportamento e participação em sala.* (Entrev.10)

- O uso de regras para conseguir gerir melhor o tempo foram ditos por 7 entrevistados (as). Recorrer as regras e dar limites é visto como um ponto positivo, leva os alunos (as) a sentirem-se seguros e confianrem no espaço da escola:

*Também temos que os habituar as regras...os limites são importantes... eles gostam!* (Entrev. 16)

*Eles gostam das regras, acho que no geral, se eles não têm regras é complicado, ficam perdidos enquanto se houver regras, disciplina, eles próprios gostam. Eles*

*quando precisam, quando querem mimo vem é comigo ter. É um respeito, eles me respeitam muito. É bom sentir esse carinho. (Entrev. 11)*

- O uso da estratégia da interajuda entre os alunos são aplicados por 8 professores (as), assim reforçando o trabalho da importância do outro, das amizades e do respeito mútuo. Recorrendo a ajuda dos próprios alunos (as) gera um sentimento de acolhimento onde a inclusão acontece de uma forma natural e que nossa intervenção não é mais necessária, as crianças sozinhas se apoiam:

*Eles próprios ajudam-se uns aos outros. Quando eles sentem que tem alguma dificuldade eles ajudam, os colegas de sala. (Entrev. 11)*

#### 6. Estimular construção de laços afetivos eficazes

- Estimular a criar de laços de amizade e um bom relacionamento onde as conversas de estímulo positivo e bons exemplos de cooperação, respeito pelo diferente e se colocar no lugar do outro são descritos por 8 professores (as), na entrevista número 20 vimos que esse olhar em muitos momentos tem que partir dos adultos:

*Trazer as coisas de bom que cada um tem, né? Por exemplo, ele joga bem á bola, mas fica sempre sozinho. Porque é que não o podíamos por também na equipa a jogar á bola? Se calhar, os outros vão ver e jogar com ele, e se não é tão bom, mas com a ajuda dos outros ele vai melhorando. ( Entrev. 1)*



## **7. DISCUSSÃO DOS DADOS**





Este capítulo incide sobre os resultados encontrados nas entrevistas relacionando-os aos autores pesquisados no quadro teórico de referência. Está dividido por assuntos para melhor entendimento da discussão. São eles:

- a) Inclusão escolar;
- b) Desafios para o trabalho inclusivo;
- c) Obstáculos às práticas inclusão;
- d) Estratégias para o trabalho inclusivo.

### **7.1.Inclusão escolar**

Atendendo à metodologia utilizada no tratamento dos resultados, visando o entendimento dos professores das AEC sobre inclusão escolar e práticas inclusivas, podemos concluir que existe a ideia central sobre a escola inclusiva no discurso dos entrevistados. Ou seja, a percepção do que é incluir e também a presença dos obstáculos e desafios para a inclusão acontecer na prática do dia-a-dia. Neste trabalho sobre inclusão, nos processos de análise dos resultados, não existe o julgamento do certo ou errado, apenas visões e entendimentos sobre as vivências pessoais.

Quando observa-se a inclusão dentro dos direitos legais, de acordo com as orientações da Declaração de Salamanca, o olhar para a criança deve ser individual, respeitando as suas características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem. Relata também, o direito de todas as crianças frequentarem a escolas regulares e, introduz uma nova alteração de paradigma com o conceito de inclusão. A nova atitude filosófica, científica, política, social e económica que diz que não é o aluno que deve adaptar-se à escola, mas é a escola que deve adaptar-se a cada aluno na sua especificidade (Coelho et al., 2007). Vimos com as entrevistas que, os alunos (as) estão inseridos nas salas de aula. Todos os entrevistados já tiveram ou tem alunos (as) com deficiência em suas aulas, mas isso não garante que o trabalho inclusivo aconteça plenamente.

Mesmo com o entendimento amplo do que é a inclusão, foi observado nas falas dos professores, limitações quanto à aplicação prática da inclusão. A não aceitação da

forma que é feita nas salas de aula e consequentemente o trabalho que também não é realizado, trazendo à tona pensamentos segregadores onde as escolas especiais são as respostas para a necessidade dos alunos (as). Estes professores argumentam que certas crianças seriam mais bem atendidas em ambientes especiais. No entanto, visto na perspectiva dos direitos legais, tais argumentos se tornam inválidos.

Para Modesto (2008), o olhar segregador e indiferente anula possibilidades de intervenções e atitudes em prol da inclusão dos alunos (as) com deficiência e dos que também não são. Os alunos (as) precisam ser acompanhados sem diferenciação. No entanto, tal aspecto não implica em ser indiferente à sua condição. É fundamental reconhecê-los (as) em sua singularidade e suas especificidades para que possam ser atendidos adequadamente em suas necessidades.

Segundo o Decreto-Lei 54/2018 em vigor, a inclusão significa respeito e aceitação da diversidade. A linha condutora é que cada escola tenha como objetivo perceber a diversidade dos alunos (as), e isso ser usado como uma ferramenta de trabalho. A escola deve adaptar os processos educativos a cada indivíduo mediante as suas peculiaridades, de forma a encontrar modos de lidar com essas diferenças. Todos os alunos devem participar na vida e meio educativo, sendo que a escola deve recorrer a todos os meios que dispõem, para que isso aconteça. Durante as atividades das AEC isso também deve ser respeitado e realizado em conjunto com a escola. Mas a aceitação da diversidade ainda é a grande barreira para a realização do trabalho inclusivo e também um desafio a se superar diariamente.

Segundo Correia (2003), a filosofia da inclusão subentende a inserção dos alunos com necessidades educativas especiais no contexto de sala de aula e nas turmas regulares, num ambiente o menos restritivo possível, onde recebam os serviços adequados ao seu desenvolvimento académico, socioemocional e pessoal. O mesmo autor argumenta que o princípio da inclusão não pode ser entendido como um conceito inflexível e sim dinâmico, vindo ao encontro com o narrado durante as entrevistas, sendo considerado um desafio vivenciado em sala de aula.

Para além dos pontos mencionados anteriormente sobre a inclusão, encontramos também outras bases para o trabalho inclusivo. A entrevistada 10, de forma resumida falou, *a inclusão escolar engloba tanta coisa, além de eu estar preparada para fazer um trabalho, também o espaço que eu estou, que eu trabalho, ele precisa ser preparado para a criança, as pessoas que trabalham na escola também, é um contexto todo*. A literatura mostra-nos também essa visão global da inclusão, Correia (2003) e Glat (2007), defendem que além dos profissionais e serviços da escola, os pais e a comunidade também têm seu papel no processo inclusivo. Correia (2003) completa que todo esse trabalho de preparação ultrapassa o conceito de integração onde as crianças que se preparavam para estar na escola regular e na curva normal.

A visão de integração também foi revelada em algumas falas dos entrevistados, onde referiram que o aluno(a) com deficiência ainda não estava preparado para estar na sala regular ou eram realizados trabalhos distintos do restante da turma, indo ao encontro do que diz Glat (2007), vive-se a integração e também a exclusão no interior da própria escola.

Urbanek e Ross (2011), nos seus estudos mostram que a inclusão diz respeito à mudança de valores e atitudes que só acontece mediante a conscientização de cada pessoa e de geração a geração. Quem está comprometido com as práticas inclusivas estará, como diz o autor arando a terra da inclusão da qual gerações futuras colherão os frutos. Ainda comprovou que os alunos (as) com deficiência tornam-se mais autônomos em suas relações sociais, compreendendo melhor suas dificuldades, melhorando sua autoestima e, por consequência, tornando-se mais produtivos e responsáveis. A inclusão também contribui para o aumento da aprendizagem, assim como nas relações de amizade com outros alunos. Esses benefícios são para todos com ou sem alguma deficiência, gerando pessoas sem atitudes discriminatórias e mais tolerantes, percebendo assim que são mais capazes de atos solidários.

Portanto, a articulação de ações diárias e valores com os quais nos identificamos, são a base para que a inclusão seja vivenciada nas salas de aula.

## **7.2.Desafios para o trabalho inclusivo**

No que respeita às percepções dos (as) entrevistados (as), a opinião geral é que o tema é desafiador. Esse desafio por vezes impede a realização de atividades em sala, deixando o professor por vezes desanimado e inseguro, sentimentos que vão da perplexidade à frustração, da exaustão à impotência (Glat, 2007). O medo também foi notado durante as entrevistas, um medo pelo que é desconhecido e novo. Por vezes, a falta de informação e a insegurança, bloqueiam a busca por entendimento, preferindo assim, a não convivência com alunos (as) com deficiência.

Por outro lado, para alguns professores (as) o desafio motiva a busca de novas atividades, desafio de querer fazer mais e melhor. As questões pessoais, como ter um filho ou já ter passado por momentos de exclusão, motiva a procura de formas de trabalhar melhor as questões da inclusão. O superar desafios pessoais é uma alavanca para o trabalho inclusivo. Neste passo, o colocar-se no lugar do outro para trazer à tona algo mais real, trazer a inclusão para perto de cada um, para as vivências do cotidiano, sempre fazendo-se a pergunta: e se fosse comigo? Ou e se fosse meu filho? Ou ainda: eu passei por isso e tenho obrigação de mostrar e ensinar para serem melhores e diferentes! Quando a questão move algo interno como os sentimentos, ficamos mais perto da realidade, assim conseguimos ativar outros mecanismos para atuar de forma diferente.

É possível perceber algumas semelhanças entre os professores (as) das mesmas áreas. Em relação ao grupo de professores (as) de inglês os desafios ditos são externos, como o sistema educativo, tempo e número de alunos. Isso nos leva a pensar no plano anual que deve ser cumprido por eles, com a utilização dos manuais escolares. Já no desporto, expressões e música, além dos desafios de estrutura, o lado pessoal e emocional tem um grande peso. Os sentimentos e crenças são levados em conta no momento de lidar e trabalhar o preconceito (dos alunos (as) e deles próprios) e o dinamismo que o tema inclusão nos transmite. É possível perceber nas falas dos entrevistados que a experiência pessoal tem um peso intrínseco, viver a exclusão ou a

luta pela inclusão, seja ela pessoal ou com um familiar, nos posiciona de forma diferente frente o trabalho inclusivo.

O fazer diferente não parte apenas da educação dos pais ou da sociedade mas também parte de nós educadores, somos exemplos no espaço escolar. Esse ser exemplo nos traz uma grande responsabilidade, que está nas nossas mãos aceitar ou não, querer ou não. Como é algo muito pessoal, concluímos com as falas dos entrevistados que alguns estão dispostos a viver o desafio diário da inclusão. Outros professores acham que o desafio é do outro, dos pais ou sociedade, não sendo um papel que se inicia com o educador. Ainda vemos os que falam que esse desafio não faz parte de sua realidade, não percebem o trabalho inclusivo em suas vivências dentro das aulas das AEC. Contudo, a literatura mostra que o professor é um ator fundamental desse processo desafiador, etapas que são vivenciadas com erros e acertos mas que se assumidas o ciclo do trabalho inclusivo sobrevém (Urbanek & Ross, 2011).

A vivência da inclusão dá trabalho, e o desafio está nesse ponto, aceitar e trabalhar para a transformação da realidade que se vive nas escolas. Uma mudança que é dinâmica, diária e constante. Assim, a inclusão é vista como um processo sem fim e onde a escola inclusiva é aquela que está evoluindo, e não aquela que já atingiu um estado perfeito (Fávero, Ferreira, Ireland, & Barreira, 2009).

Como diz Glat (2007), o grande objetivo enquanto educadores audaciosos (que assumimos a inclusão como lema nas nossas práticas), é com criatividade e responsabilidade nós possamos contribuir para uma escola democrática, inclusiva e sobretudo prazerosa para nossos alunos (as).

### **7.3. Obstáculos às práticas inclusão**

Com o desenrolar das entrevistas percebemos que os maiores obstáculos têm relação com a aceitação do diferente. Seja ela em relação ao nosso olhar, professor e aluno ou entre eles mesmos, aluno para aluno, em seus convívios. Como nos afirma Modesto (2008), inclusão significa acima de tudo mudança de postura e do olhar para a diferença. Nos remete a ruptura de paradigmas e do sistema de ensino, assim o ensino

com qualidade pode ser conquistado, com o acesso, o atendimento adequado e que a permanência seja assegurada a todos os alunos (as), independentemente de suas diferenças e necessidades.

Em complemento a esse olhar para o diferente, durante as falas de alguns entrevistados, a exclusão e segregação não era percebida nas suas vivências. Uma das entrevistadas nos mostra isso: *Há isso (exclusão) não existe mais!* Percebe-se quando nossos olhos se fecham para enxergar algo fora de nós. Os padrões são buscados e exigimos o tempo todo em nossa sociedade e isso se reflete na nossa prática de sala de aula. Comportamentos padrões são esperados dos alunos. Consequentemente é difícil lidar com alunos que perguntam mais, que argumentam e contestam mais, que não aceitam qualquer atividade e que não estão dispostos o tempo inteiro para a atividade proposta. Têm-se a noção que muitas vezes não sabemos conversar com as crianças e por vezes esperamos atitudes adultas de seres pequenos. Existe a falta de sensibilidade em observar e perceber melhor como fazer.

Segundo Urbanek e Ross ( 2011), temos que ter em mente que as diferenças são as marcas fundamentais das relações humanas, relações estas, que diariamente vivemos, nos levando a ser mais tolerantes.

Como é por vezes difícil entender o diferente, o que não se adequa ao que esperamos. Em seguida surgem os pensamentos de preconceitos e de exclusão. Deparamos-nos neste momento com a aceitação do outro, na aceitação das nossas limitações de paradigmas pré-estabelecidos e na aceitação das limitações das crianças. Os rótulos são contemplados nesta busca de padrões. Para Glat ( 2007), precisamos acabar com a visão dicotômica na prática onde existem dois grupos qualitativamente distintos dos alunos normais e os especiais. Esse pensamento impede o trabalho inclusivo e as vivências em sala de aula.

É possível perceber que existem também impedimentos que vão além do nosso poder enquanto professores (as) das AEC como: i) o número de alunos que impedem o trabalho mais atento a todas as crianças, ii) a falta de funcionários e de materiais que

limitam o trabalho e, iii) a falta de comunicação com os pais, onde muitas vezes nem sabem o que trabalhamos com as crianças (Araújo, 2016). Estudos indicam que os professores receiam a aplicação da inclusão quando não lhes são disponibilizados recursos humanos, materiais adequados, tempo e formação para que a implementação tenha sucesso (Correia, 2003).

A necessidade de mais informações e formações na área, foi um ponto de relevância, 70% dos entrevistados não fizeram nenhuma formação relacionado ao tema da inclusão escolar e da deficiência. Se a inclusão escolar é para todos (as), então porque só algumas pessoas têm acesso à informação e sabem o que esse conceito significa? Para Rodrigues, (2006) e Correia (2003), embora a maioria dos educadores acreditem no conceito de inclusão existe ainda muito receio em relação as mudanças, principalmente pela falta de informações e formações com esse assunto.

Em relação aos obstáculos relacionado a gestão estrutural e organizacional das escolas, foi identificado pela maioria dos entrevistados como uma falha nas diferentes áreas de atuação.

#### **7.4.Estratégias para o trabalho inclusivo**

Como proposta para tornar a escola mais inclusiva, os entrevistados apontam para estratégias criativas com resultados positivos. Portanto é possível notar que, quando usadas, as estratégias descritas pelos professores (as) das AEC são variadas e mostram uma preocupação com o tema inclusão. Fica notório que algumas das estratégias em relação as áreas de atuação são mais comumente utilizadas. No desporto os jogos e brincadeiras de cooperação são usados por todos os professores (as). Já nas expressões plásticas os professores (as) falam em regras, dentro de sala para conseguir algum resultado positivo para a inclusão.

Com relação ao inglês foi possível perceber que, além da preocupação com o programa que deve ser cumprido com o auxílio dos manuais escolares, também há preocupação com as competições e comparações sem prejudicar ou minimizar nenhum aluno. Na música, o desenrolar das aulas é muito particular, não foi possível perceber muitas



semelhanças nas estratégias, uns recorrem aos instrumentos e outros ao ensino do canto. Dentre as estratégias utilizadas por todas as áreas estão o uso de materiais diferentes, livros e brincadeiras relacionadas ao tema de cada aula. Em seus estudos Medeiros (2016), nos confirma que estamos no caminho certo. O uso do brincar e da diversidade de materiais promovem o aprendizado e a inclusão dos alunos (as) em salas regulares.

Nas entrevistas o trabalho conjunto e a partilha entre os professores (as) foi uma estratégia apontada. Esse intercâmbio amplia o conhecimento e proporciona novas aprendizagens, é uma mais-valia para todos os alunos, todos são favorecidos, alunos/as com ou sem deficientes. Para Sanches e Silva (2019), a implementação da educação inclusiva depende de que os professores possam fazer parcerias, participar em formações, planificar pensando na diversidade e nos momentos de aprendizagem de cada aluno (a,) de forma a trabalhar as suas potencialidades, numa perspetiva de inclusão plena, ou seja, garantir o acesso, a permanência, o desenvolvimento e o sucesso de todos e de cada um.

Ao conversar e partilhar vivências as ideias de como fazer e o que fazer ficam mais visíveis. Nos questionamentos e dúvidas partilhadas não estamos sós, compartilhamos de agonias e sentimento, essa troca nos dá ânimo e também aumenta a autoestima.

Na análise das entrevistas em relação às estratégias utilizadas, é referido atitudes a nível comportamental como, observar muito bem como são os alunos e o que gostam, o que provoca neles curiosidade, conversas de estímulo e exemplos, o bom relacionamento interpessoal com afeto e carinho, seja com a turma ou com crianças em especial, pedir ajuda aos parceiros de profissão e recorrer as próprias crianças como aliadas na ajuda e cooperação. Esses pontos nos remetem para uma abordagem de aprendizagem integrada onde não só o conhecimento acadêmico é importante, mas também o aprendizado das relações humanas que promove consequentemente a inclusão (Rocha, 2016).

A inclusão vai além do espaço físico e das exigências das leis, é algo que parte de cada professor com suas turmas, de suas vivências e aprendizados diários. Conforme Costa (2019), a convivência entre alunos (as) com ou sem nenhuma deficiência, favorecem a quebra de preconceitos, permitindo o estabelecimento de relações que nelas ampliam a aquisição de valores e de aprendizagens, os quais dificilmente seriam desenvolvidos em contextos ausentes dessa realidade.

Observa-se que a utilização do brincar como ferramenta para se trabalhar a inclusão. Na ludicidade podemos englobar tanto a parte formativa quanto a cultural. Através do brincar, assuntos e conhecimentos podem ser transmitidos. O brincar nos permite experimentar, sentir, criar e recriar mundos e contextos diferentes. Podemos desconstruir nossa realidade mecânica e ir muito além deste mundo, trocar experiências, viver momentos de alegria e liberdade, enfim, aprender de forma diferentes (Scholze, Brancher & Nascimento, 2019).

Para os mesmos autores o brincar não é apenas para a criança. A ludicidade faz parte de toda a vida do homem, não é porque os adultos não brincam da forma habitual das crianças, que ela deixa de existir. A prática do brincar oferece-nos alegria; alegria que também é saber, saber viver e saber ser. Nós adultos e educadores, devemos percebê-lo não apenas enquanto prática utilitarista, pois o brincar também pode promover produções de conhecimento.

Podemos encarar o brincar como jogos de tabuleiro, jogos no exterior da escola e jogos de imaginação e cada um deles com suas regras e objetivos. Neste momento utilizamos o brincar para desenvolver o conhecimento. O jogo para a criança, é a representação e comunicação, abertura ao imaginário, à fantasia e à criatividade; mas também unificação e integração da personalidade, fator de relatar interação com os outros. Medeiros (2016), em seus estudos contou que relativamente à questão sobre o que os alunos (as) mais gostavam nas aulas das AEC, estava relacionado ao uso de jogos como o método de aprendizagem. Os jogos e/ou brincadeiras devem ser vistos como recursos para uma aprendizagem diferenciada, significativa e prazerosa. Entre estas características estão a liberdade de ação do jogador, os limites de tempo e espaço, a

existência de regras, o saber aceitar perder e ganhar. Regras estas, que podem ser seguidas ou reinventadas pelos participantes. Neste processo de seguir ou reinventar regras que o aluno constroa sua aprendizagem (Scholze et al., 2019).

Os jogos com regras, jogos de cooperação, as histórias infantis com temas inclusivos e materiais diversificados também são parte do processo de inclusão. O jogo possui uma função cultural e social, presente na vida das pessoas, através do brincar, o aprendizado com regras e sequências acontecem de forma natural (Cintra et al., 2016).

O reconhecimento do valor formativo da brincadeira é também um dos importantes fatores que potencializam o trabalho das aulas das AEC. É nessa formação que podemos promover de forma intencional o trabalho inclusivo. No lúdico encontra-se maneiras de mostrar e vivenciar experiências de aprendizado com caráter inclusivo. Como nos mostra os autores em seus estudos (Cintra et al., 2016), através das brincadeiras e dos jogos, as crianças não só adquirem novos conhecimentos, mas também socializam com seus pares, tendo a possibilidade de observar e conviver com a diversidade de sala de aula. Nos momentos de descontração, que o brincar naturalmente proporciona, o ver o outro e o se colocar no lugar do outro acontece também de forma natural.

Portanto ver a atividade lúdica como um modo de trabalhar a inclusão em sala é a ponte para ter êxito no dia-a-dia.

Por fim, percebemos com o trabalho que alguns pensamentos distantes da verdadeira inclusão acontecem com naturalidade, como retirar as crianças de sala ou dar atividades diferentes para se manterem quietas. Felizmente são estratégias isoladas e de pouca frequência. Durante os processos inclusivos percebemos que existem casos distintos e que por vezes é necessário recorrer a essas práticas mas com muita cautela para não se tornar a prática do dia-a-dia.





## **8. BROCHURA (IN) FORMATIVA PARA OS PROFESSORES DAS AEC**



Com o intuito de promover uma autoformação apostou-se na elaboração de uma brochura (in) formativa, em formato impresso (anexo 3). Posteriormente, é nosso objetivo elaborar um webinar onde os professores (as) terão acesso as informações online, agilizando assim o acesso aos conteúdos. Esta é composta por assuntos relacionados com a inclusão escolar e tendo em vista direcionar a busca de informação. No material descreve-se brevemente a história da inclusão, os documentos legais que garantem a inclusão de todas as crianças na escola regular, dicas para a prática do dia-a-dia e ainda sugestões de sites, filmes e livros para se trabalhar a inclusão escolar em sala de aula.

A elaboração desta brochura teve como base vinte entrevistas realizadas com professores/as das Atividades de Enriquecimento Curricular, onde os mesmos tiveram oportunidade de expor os seus (des) conhecimentos em relação a esta temática da inclusão escolar. Resulta ainda da busca de informações sobre este tema.

Pretendeu-se, pois, elaborar um material (in) formativo com o objetivo de expor, clarificar e aprofundar conceitos e práticas dos professores das AEC relacionadas com a Inclusão escolar de crianças deficientes e com o seu papel enquanto agentes de educação.

Este material está dividido em tópicos onde serão abordados os seguintes temas: uma breve história da educação inclusiva, o decreto-lei 54/2018, sobre as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), Inclusão Escolar, barreiras e desafios para se trabalhar a inclusão. Por fim elencamos algumas práticas que podem enriquecer o trabalho diário com os (as) alunos (as), além de sugestões de filmes, livros e sites informativos.





## **9. REFLEXÕES FINAIS**



A temática da inclusão, apesar de debatida há algumas décadas, ainda é um grande desafio a ser praticado. Isso pelo próprio dinamismo, pensamentos e atitudes exigidos para a criação de um ambiente verdadeiramente inclusivo. Estar aberto e, principalmente, estimular um pensamento inclusivo motiva um movimento constante de possibilidades em imaginar, pensar e fazer melhor e diferente.

Ao pensar nas reflexões finais deste trabalho, inevitavelmente me vem à mente todos os alunos e alunas que, de alguma forma, passaram pelas minhas mãos enquanto educadora. Ao pensar em cada um percebo que por vezes me equivoquei, me confundi e também acertei com práticas no que diz ser a inclusão escolar. Esses pensamentos me geram uma inquietação, sendo uma alavanca para que o trabalho educacional seja mais programado, estudado e compreendido com relação a inclusão. Estes pensamentos sem dúvida foram um grande ponto de partida para a escolha deste tema para minha dissertação.

Uma das grandes lições que tomo depois deste trabalho é a necessidade de buscar uma mudança, de mudar mentalidades e comportamentos que compreendi estarem engessados, parados num tempo onde mudanças de pensamento eram vistos como falta de personalidade ou de entendimento sobre assuntos.

Percebe-se que é fácil a confusão de práticas, onde se pensa estar incluindo os alunos (as) e na verdade a integração e também as atitudes excludentes são as presentes. Os limiares são ténues como nos confirma Glat (2007), em seus estudos muitas escolas ditas inclusivas ainda praticam técnicas e tem hábitos de exclusão e integração.

O conceito de escola inclusiva reforça o direito de todos os alunos (as) frequentarem o mesmo espaço escolar. Criar na escola um ambiente de serenidade, de união e de amizade no relacionamento entre todos. O convívio escolar ajuda a alargar o mundo dos alunos (as), a desenvolver a sociabilidade, potenciando-lhe uma saudável interação.

Durante o trabalho de campo identificou-se que a estrutura de funcionamento escolar leva ao uso das práticas não inclusivas, com falta de recursos pedagógicos e físicos.

Mas também a falta de preparo dos profissionais das AEC. Existe a vontade de fazer diferente, mas a falta de conhecimento, falta de apoio e de valorização do trabalho impede a mudança. As informações e as formações são escassas ou quase inexistentes para os profissionais. Assim as barreiras e os desafios são maiores e as práticas inclusivas ficam comprometidas.

Com a construção do conhecimento entende-se melhor como funcionam as práticas inclusão, trazendo assim mais segurança para defender o que se praticar. Neste ponto nos deparamos também com a decisão pessoal de cada professor, em acreditar ou não nas ações inclusivas. A consciência de cada pessoa que está ligada ao sistema educativo é de suma importância, estar atendo, desejoso e sensível as demandas inclusivas no repensar da atuação junto as crianças. O professor será sempre um líder e mediador neste processo, independentemente da quantidade de tempo que está com as crianças.

Assim a inclusão em educação é um processo de transformação de valores em ação, gerado e estimulado pelos professores, que pode resultar em práticas e serviços educacionais. Podemos especificar alguns deles como aceitação e o respeito pelas diferenças, porque são parte integral de concepção de inclusão. A inclusão só poderá ser totalmente compreendida quando seus valores fundamentais forem incansavelmente discutidos e entendidos.

Nestas ações práticas concluiu-se que as estratégias usadas pelos professores (as) das AEC junto aos alunos/as com deficiência são diversas. Mas não podemos deixar de reforçar que a estratégia com caráter lúdico deve ser muito incentivada, pois, dependendo da área de atuação do professor o brincar por vezes é menos valorizado.

Como já foi dito anteriormente, a inclusão pede-nos práticas diárias, atitudes diárias para trabalhar com os nossos alunos (as) de forma a atender as suas demandas. Nas AEC temos algumas vantagens quanto a isso. Nos dissociando um pouco das dificuldades, podemos tirar muitas vantagens do que o próprio sistema de ensino nos permite fazer. Como nos diz a Portaria n.º 644-A/2015, de 24 de agosto que, no seu

artigo 7.º, determina: Consideram-se AEC no 1.º ciclo do ensino básico as atividades de caráter facultativo e de natureza eminentemente lúdica, formativa e cultural (Direção-Geral da Educação, 2016).

Oa perceber lacunas nas práticas e nas noções sobre a inclusão escolar, a brochura (in) formativa foi pensada e elaborada. Sem dúvida, não só o estudo para o trabalho mas também a produção deste material, contribuíram para meu aprendizado. A brochura será encaminhada para todos os professores que participaram das entrevistas e espera-se que também ajude, tanto como a mim, na construção do conhecimento.

Necessitamos estar alertas e não deixar que as dificuldades apaguem o motivo que sustenta a prática pela inclusão: garantir que todos os alunos (as) sejam respeitados quanto a sua individualidade. Que lhes seja garantido a dignidade, sem rótulos ou discriminações. Que sejam aceitos com suas particularidades. Sejam vistos também como agentes participativos no ensino e na aprendizagem de todos e todas. Finalmete que sintam-se protegidos e felizes no meio escolar.

Este trabalho não marca o fim de uma aprendizagem e entendimento sobre o que é inclusão, pelo contrário, hoje o interesse é maior. É importante perceber e estar mais atenta, treinar o olhar para estar mais sensível com relações as práticas e posturas diária, tanto com crianças como com adultos envolvidos no processo inclusivo. Deu-se com o fim deste trabalho, o início de uma jornada de conversas, estudo e práticas, para que a inclusão seja cada vez mais, uma postura natural nas vivências do cotidiano.



## **10. BIBLIOGRAFIA**



Antunes, C. (2016). *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.

Alves, S. M. D. J. (2017). *O contributo dos pares na integração e inclusão de alunos com necessidades educativas especiais*. Dissertação de mestrado. Esec. Coimbra

Ainscow, M. (2009). *Tornar a educação inclusiva: como esta tarefa deve ser conceituada. Tornar a educação inclusiva, 1, (pp.11-24)*. Brasília. Unesco

Araújo, P. C. V., Linhares, T. C. (2016). A inclusão escolar: breve histórico e alguns apontamentos para a prática do professor. *Revista Paidéia*, 17, 11-15

Barreto, A. T. D. O. (2009). *Os pares e a inclusão da criança diferente na escola do primeiro ciclo*. Dissertação de mestrado. Universidade de Coimbra. Coimbra

Barros, F. A. D. (2014). *As crianças com necessidades educativas especiais nas atividades de enriquecimento curricular*. Dissertação de Mestrado. Universidade Portucalence. Porto.

Booth, T., Ainscow, M. (2002). *Index para a inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola*. LaPEADE. Cintra: Cidades do Mundo

Carvalho, A. C. A. D. (2018). *A importância da família na inclusão escolar de crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais*. Tese de Doutorado. Universidade Católica Portuguesa. Braga

Cintra, R., Veiga, F., Veiga, E. (2016). A prática docente na efetivação da inclusão escolar: As contribuições da ludicidade no ensino e aprendizagem das crianças com síndrome de down na educação infantil. *Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas da Psicologia e Educação-Motivação para o Desempenho Académico/Students' Engagement in School: Perspectives of Psychology and Education-Motivation*, 516-532.

Chizzotti, A. (2006). *A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Editora Vozes

Correia, L. M. (2003). *Educação especial e inclusão: Quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. 2.<sup>a</sup>ed. Porto: Porto Editora.

Correia, A. (2016). *Práticas promotoras da inclusão de crianças com incapacidade intelectual: um estudo de caso no 1º ciclo do ensino básico*. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Viseu. Viseu

Correia, L.M. (2003). *Inclusão e necessidades educativas especiais: um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora

Cosme, A., Trindade, R. (2007). *Escola a tempo inteiro. Escola para que te quero*. Porto: Profedições.

Costa, S. A. S. D. (2019). *A Educação inclusiva na educação pré-Escolar*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Porto.

Cruz, V. (2009). Educação inclusiva: é o que acontece ou o que fazemos acontecer. In AA Candeias, *Educação inclusiva: concepções e práticas*, (pp.11-19). Évora: Universidade de Évora

Dias, M. C. M. (2013). *A inclusão escolar num agrupamento de escolas*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa.

Fávero, O., Ferreira, W., Ireland, T., Barreiros, D. (2009). *Tornar a educação inclusiva*. Brasília. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Ferreira, M., Prado, S. A., Cadavieco, J. F. (2017). Educação inclusiva: o professor como epicentro do processo de inclusão. *Revista de Educación Inclusiva*, 1, 8-10.

- Fialho, I., Verdasca, J., Moreira, L., Chaleta, E., Grácio, L., Magalhães, O., Tobias, A. (2013). *Avaliação externa do programa de atividades de enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico*. Universidade de Évora. Évora
- Fontes, F. (2009). Pessoas com deficiência e políticas sociais em Portugal: da caridade à cidadania social. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 86, 73-93.
- Fragoso, F. M. R. A., Casal, J. (2012). Representações sociais dos educadores de infância e a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais. *Revista Brasileira de Educação Especial* 18, 527-546.
- Glat, R. (2007). *Educação Inclusiva: cultura e cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro 7 letras.
- Gomes, M. L. F. L. (2013). *Os nós da escola e a inclusão*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica Portuguesa. Viseu
- Guiomar, M. D. J. B. (2019). *A inclusão na vida ativa de jovens com necessidades especiais*. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Portalegre. Portalegre.
- Gusmão, F. A. F., Martins, T. G., de Luna, S. V. (2011). Inclusão escolar como uma prática cultural: uma análise baseada no conceito de metacontingência. *Psicologia da Educação*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. (32).
- Guedes, M. G. T. B. (2013). *As atividades de enriquecimento curricular e a pedagogia do lazer*. Tese de Doutoramento. Escola Superior de Educação. Porto.
- Jiménez, R. B., Escoval, A. (1997). *Necessidades educativas especiais*. Lisboa: Dinalivro
- Lopes, J. A. (2007). Perspectiva Crítica da Educação Especial em Portugal. In J. M Kauffman, & J. A., Lopes (Coord.). *Pode a Educação Especial deixar de ser especial?* (pp. 21-94). Braga: Psiquilíbrios Edições

Mantoan, M. T. E. (2003). Uma escola de todos, para todos e com todos: o mote da inclusão. *Educação*, 49, 127-135.

Martins, C. D. (2018). *Deficiência e inclusão em Portugal: as políticas para quem quer ser ouvido*. Tese de doutoramento. Instituto Superior de Economia e Gestão. Lisboa

Medeiros, A. M. R. (2016). *Gestão das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC)* Tese de Doutoramento. Escola Superior do Porto. Porto

Meireles, C., Izquierdo, T., Santos, C. (2007). *Educação para todos e sucesso de cada um: do Relatório Warnock à Declaração de Salamanca*. In Actas do IX Congresso da SPCE: Educação para o sucesso: políticas e actores (Vol. 2, pp. 178-189).

Modesto, V. M. F. (2008). *Inclusão escolar: um olhar para a diversidade: as representações sociais de professores do ensino fundamental da rede pública sobre o aluno com necessidades educacionais especiais*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília

Moreira, D. A. S. (2014). *A atitude dos alunos em relação à inclusão nas aulas de Educação Física: as estratégias de cooperação centradas na relação*. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Educação Física e Desporto. Lisboa

ONU (1975). *Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes*. Manhattan, Nova York

Pacheco, P., Czekalski, E. A., El Tassa, K. O. M., de Carvalho Cruz, G. (2019). Educação Inclusiva: um diálogo com a Educação Básica a partir do Ciclo de Políticas. *Revista Educação Especial*, 32, 46-49.

Pepe, D. I. S. S. N. (2012). *Actividades de enriquecimento curricular: Que contributo na construção e desenvolvimento de uma Política Educativa Local? Estudo de caso*

*numa Autarquia da Área Metropolitana de Lisboa*. Dissertação de Mestrado. Esec. Lisboa

Pereira, F., Crespo, A., Trindade, A. R., Cosme, A., Croca, F., Breia, G., Carvalho, M. (2018). *Para uma educação inclusiva: Manual de apoio à prática*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)

Rocha, A. P. (2016). *A escola inclusiva: desafios*. Lisboa: Inspeção-Geral da Educação e Ciência.

Rodrigues, D. (2013). *Equidade e educação inclusiva*. Porto: Profedições.

Rodrigues, D. (2006). *Investigação em educação inclusiva*. Lisboa: Fórum.

Sampaio, C. T., Sampaio, S. M. R. (2009). *Educação inclusiva: o professor mediando para a vida*. Bahia. EDUFBA

Sanches, I. (2011). Do aprender para fazer ao aprender fazendo: As práticas de educação inclusiva na escola. *Revista Lusófona de Educação*, 19, 135-156.

Sanches, I., Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. *Revista Lusófona de educação* 8, 63-83.

Sanches, I. R., da Silva, P. B. (2019). A inclusão de estudantes surdos no ensino superior brasileiro: O caso de um curso de Pedagogia. *Revista Portuguesa de Educação*, 32(1), 155-172.

Santos, P., Oliveira, A. L., Festas, M. I. (2011). As actividades de enriquecimento curricular (AEC) e o comportamento problemático dos alunos. *Revista portuguesa de pedagogia*, 57-78.

Scholze, D., Brancher, V. R., do Nascimento, C. T. (2019). O papel da ludicidade no processo de aprendizagem infantil. *Revista da Faculdade de Educação*, 6 (7 e 8), 69-82.

Tessaro, N. S., Waricoda, A. S. R., Bolonheis, R. C. M., Rosa, A. P. B. (2005). Inclusão escolar: visão de alunos sem necessidades educativas especiais. *Psicologia escolar e Educacional* 9, 105-115.

Toledo, R. F. D., Jacobi, P. R. (2013). Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. *Educação & Sociedade*, 34 (122), 155-173.

Trindade, R., Cosme, A. (2010). *Educar e aprender na escola*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

UNESCO (1990). *Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. Jomtien: Tailândia

UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca – Sobre princípios, política e prática na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca: Espanha.

UNESCO (2005). *Orientações para a inclusão – garantindo o acesso à educação para todos*. Paris: França

UNESCO (2018). *Ibero-América Inclusiva- Guia para garantir a inclusão e a equidade na educação na Ibero-América*. Cidade de Guatemala: Guatemala

Urbanek, D., Ross, P. (2011). *Educação Inclusiva*. Curitiba: Fael Editora

## LEGISLAÇÃO

Carta ao: Diretor do AE; Presidente da CM/ Junta de Freguesia; Presidente da Associação de Pais, Presidente da IPSS de 28 de junho de 2017. Recuperado de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/aec\\_junho\\_2017.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/aec_junho_2017.pdf)

Circular-Ofício de n. 3210 de 2016. Recomendações no âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC). Recuperado de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/oficio\\_circular\\_aec\\_recomendacoes.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/oficio_circular_aec_recomendacoes.pdf)

Decreto-Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro – Regime Educativo Especial. Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei nº 54/2018, de 6 de julho – Regime Educativo Especial. Ministério da Educação. Lisboa.

Portaria n.º 644-A/2015, de 24 de agosto de 2015. Parte C. Ministério da Educação e Ciências

## **11. ANEXO**





## Anexo 1 – Guião de entrevista

1. Fale um pouco de si, da sua história e do seu percurso de trabalho com crianças?
2. Em suas vivências de sala de aula, você já se deparou com crianças que necessitavam de algum apoio, suporte mais direcionado? Pode falar dessas experiências, o que aconteceu, o que fez?
3. O que é para si a inclusão escolar?
4. A inclusão escolar é um tema sobre o qual já teve alguma (in)formação? Em caso afirmativo, onde e quando teve acesso a essa (in)formação?
5. Para você esse tema é desafiador? Porque?
6. Quais pensa serem os maiores obstáculos à educação Inclusiva?
7. Como acha que esses obstáculos que acabou de referir podem ser ultrapassados?
8. Como estamos conversando sobre inclusão, o novo Decreto –Lei de alguma forma chegou a seu conhecimento? Como se deu? Em caso afirmativo, qual a sua opinião sobre o mesmo, o que acha que trouxe de novo?



## Anexo 2 – Tratamento das entrevistas

Entrevistado/a	idade	sexo	Percussão profissional	Trabalho com crianças com necessidade de um apoio diferente	Tipo de trabalho realizado	O conceito de Inclusão escolar	Formação na área da educação Inclusiva	Visão da Inclusão Escolar como um desafio	Obstáculos enfrentados	Formas de ultrapassar os obstáculos
Igor	28	M	Desde 19 treinador 22 nas aec faculdade desporto	Sim. Alguns meninos que não fazem nada em casa e que têm medo. A situação mais marcante foi um caso de doença rara em que o menino aí acabar por ficar em cadeira de rodas	Fazer com que os colegas colaborassem. Estratégias para que estas crianças também possam ganhar.	É tentar que todos os alunos estejam ao mesmo nível, que não haja discrepâncias, tentar nivelar todos. Chegar ao equilíbrio	Não	Cada vez mais. As crianças/jovens deveriam ser sensibilizadas (colóquios)	Problemas financeiros e raciais. Responsabilidade dos pais. Enquanto profissional sente falta de materiais	Prémios para alunos por causa dos comportamentos.
Ale	29	F	Estágio na APCC 2 meses, educação básica 1 ano nas aec	Estou tentando. Até agora não está sendo fácil autismo.	Músicas muito básicas para manter o interesse	Seria então colocar todos os alunos numa mesma sala de aula. Não concordo muito. Tem pesos e medidas	Não	Sim. Eu cresci muito aprendi imenso. aqueles específicos da APCC, acho que muitos deles nasceram normais e tiveram acidentes e ficaram incapacitados. Exemplos de vida	falta de funcionários, falta de formação turma menor eu conseguiria focar mais nas crianças	Não pensa em nada diferente.
Ana	44	F	Letras inglês português 6 anos na aec	Sim bastantes, autismo e down.	tento controlar, ver, supervisionar o que eles estão a fazer, dar o apoio, dada as turmas que nos temos é complicado	É um aluno estar com os colegas a mais respeitando as diferenças deles dentro do meio. respeitando as diferenças dele e humm... aceitar as dificuldades de eles tentar fazer as coisas de forma diferentes, mas não ir sempre pelo padrão	Não	Acho que ninguém sabe muito bem perceber o que é inclusão... acho que tentamos... como devemos fazer no contexto atual de educação. Tudo muito padronizado	Tempo e número de alunos em sala e comportamento desadequado, também a falta de formação	eu tenho que cumprir o programa puxo por eles, fico ao lado manter a ordem com sinais de trânsito para o comportamento.
Cátia	39	F	Técnica de ação educativa 18 anos de trabalho com crianças	Sim adapto materiais e planos das aulas	Observo e busco quais são os interesses deles para a participação e colegas de sala me ajudam e ajustes de atividades	Incluir na escola, 3 ícones família, esses devem estar em comunhão em inclusão. escola e crianças. tem as suas dificuldades, certo tem seus limites, mas nos temos que arranjar estratégias para que ele atinja não da mesma forma que os outros mais atinja, as brincadeiras, o estudo, as atividades	Sim uma vez	Sim, porque nem lá está devido a todas as dificuldades é que nos motiva a este tema, este desafio, na intriga e motiva isso não é uma máquina, não é uma fábrica e o interessante deste espaço das escolas dos atl é isso mesmo, o dia não ser igual, dinamismo,	Número de alnos e espaço físico	Regras da sala, juntei 2 turmas para ter mais um professor, conversa e apoio. Trabalho com livros sobre as cores e raças.

Entrevistado/a	idade	sexo	Percussão profissional	Trabalho com crianças com necessidade de um apoio diferente	Tipo de trabalho realizado	O conceito de Inclusão escolar	Formação na área da educação Inclusiva	Visão da Inclusão Escolar como um desafio	Obstáculos enfrentados	Formas de ultrapassar os obstáculos
José	34	M	Música 11 anos com crianças	Sim e sem ajudas	Não mudo nada.	tema complexo por que nos pensamos na inclusão ser para todos as atividades serem para todos, mas não no meu entender não devia ser assim. Crianças obrigadas e estar la pelo horário dos pais	Não	Não lido sem problemas	Eles aparecem e eu contorno, dou a volta. Com calma e paciência Comportamento dos alunos e número de alunos em sala	Não muda sua aula.
Lino	29	M	Música na esec, 11 nas aec	Sim com os autistas que não queriam estar na aula isso me incomodava muito	Os colegas de turma ajudavam muito era minha estratégia	eu acho que tudo é natural na aceitação do colegas e toda a comunidade que é ativa na escola. Eu vivenciei a exclusão. Inclusão é também você conhecer e mudar suas opiniões, suas atitudes. aceitar tudo que é diferente	Não	Sim. por isso é um desafio por ter esses olhares, que sempre tem o outro lado.	Número de alunos e aceitação dos colegas, uns são bons outros ruins na música e tempo, falta de informação sobre os alunos e problemas deles	consigo encontrar outros colegas que estão em situações semelhantes a nível vocal, prática e um melhor outro pior... dou sempre exemplos. Conversas sempre mostrar as melhoras. Cada um tem o seu caminho...
Sara	25	F	Animação socio educativa 4 anos nas aec	neste momento tenho um menino que requer atenção. e muito autocritico e acha que tudo que faz está mal	Dou um apoio especial principalmente quando chora.	independentemente das capacidades de cada um acho que todos tem que ter as mesmas oportunidades de aprendizagem de brincadeira fazer tudo igual as outras crianças sem nenhuma discriminação ou nenhuma diferença,	Não	Sim, fico perdida em muitos momentos, desamparada	Tempo curto e não saber me comunicar com ele	Conversas com outros profissionais, falar com a mãe, buscar atividades que lhe interessem e dar atenção. Pois é isso que precisa.

Entrevistado/a	idade	sexo	Percussão profissional	Trabalho com crianças com necessidade de um apoio diferente	Tipo de trabalho realizado	O conceito de Inclusão escolar	Formação na área da educação Inclusiva	Visão da Inclusão Escolar como um desafio	Obstáculos enfrentados	Formas de ultrapassar os obstáculos
Sílvia	35	F	12 anos animação socio cultural	Sim, alguns com grandes dificuldades	Eles vão fazendo e participando sempre observo muito para ver como devo fazer	é adaptar crianças que tenham problemas cognitivos ou quaisquer outras, junto com os outros, e que eles tenham não digo que seja no mesmo nível de aprendizagem, mas ... que consigam chegar e fazer alguma coisa assim.	Não	Sim Não é sempre a mesma coisa, todos as aulas são diferentes porque eles todos também que conduzem as aulas	... quando tenho crianças assim tenho mais vontade de os incluir e de os ajudar para que funciona	Crianças sempre são meus aliados gostam de ajudar houver regras, disciplina, eles próprios gostam
Vânia	30	F	12 anos no caspae	Sim.. no inicio eles não faziam nada as professoras faziam por ele, eu não queria isso. Downl e paralisia.	Mudei os materiais e observei muito antes do trabalho	conseguimos ter as crianças todas que frequentam o mesmo espaço neste caso a escola a termos os mesmos direitos e mesmo deveres que toda outra criança seja quais forem seus problemas	Não	Sim. Mesmo que tenham o mesma dignação, eles podem ser os 2 autistas mas nunca tem 2 miúdos com os mesmos problemas iguais e nunca lidam com a mesma coisa da mesma maneira. Cada um é um o desafiante e perceber jogar com aquilo tudo.	educação ou a falta dela de crianças que nao estão preparadas para lidar com meninos com NEE ou com diferentes a nível economico e tudo vemos muito. Falta de comunicação com os pais e de formação.	é po-los no lugar do outro as tentar sensibilizar neste sentido. Criança igual a você.
Vinícius	29	M	10 anos com crianças mestre em desporto 1 ano aec	Sim.Logo no início na minha primeira turma já tive um aluno que é autista e tentava incluir ele, mas era daqueles que fugia que ficava no cantinho. a brincar sozinho tentava incluir novamente	Mudava o material usado na aula e tentava trazê-lo logo no inicio da atividade para eles terem o primeiro contato e participarem	<i>tentar realmente incluir dentro da normalidade do dia a dia escola</i> . pessoas em formação... e dentro de todas as atividades para tentar no futuro manter no mesmo espaço na minha concepção não deveria existir... então eu faço normalmente como faria com qualquer turma qualquer trabalho, não vejo as diferenças, mais temos que ter a noção que historicamente existe isso	Não	Sim - eu acho que nesse sentido de tentar desconstruir alguma coisa que eles, claro que é mais fácil por serem crianças mas em casa já tem muito definido o que pode e o que não pode, podem tudo desde que haja que haja respeito e compreensão	o preconceito que as crianças já tem desde novas pois repetem o que veem em casa é só muita conversa... eu sempre tento conversar e tentar entender porque eles pensam assim e não culpa-los, Tempo de aula	Conversas. jogos... Estratégias Uso muito jogo de cooperação para eles perceberem que um precisa do outro, que mesmo nos jogos de competição , mas como eu disse todos somos diferentes, englobando todos de todas as atividades. Regras para entrar na sala Coloco ajudantes para ajuda A coordenar a fila e dou Recompensas. Um aluno Ensina o outro a fazer a atividade



Entrevistado/a	idade	sexo	Percussão profissional	Trabalho com crianças com necessidade de um apoio diferente	Tipo de trabalho realizado	O conceito de Inclusão escolar	Formação na área da educação Inclusiva	Visão da Inclusão Escolar como um desafio	Obstáculos enfrentados	Formas de ultrapassar os obstáculos
Carla	43	F	Animadora socio cultural 19 anos com crianças expressões	Demorou para lembrar da ajuda. Ajudava na pega do lápis e tesoura, mas muito pouco. Graças a deus nunca tive	Interajudas entre os colegas. João sempre teve ajuda dos colegas. Não mudava a atividade	Tratar de igual forma, sem distinção cor, raça motor. Eu passei por essa exclusão. Tenho a obrigação de passar isso para as crianças. De igual forma. Trazer para as vivencias.	Não	Sim! Me assuntei! Não sabia como lidar. A vivencia nos traz o conhecimento. a sociedade é julgadora, fazemos distinção, a criança nos observa e repetem o que fazemos. Devemos debater. Não é um assunto fácil. Nos educadores devemos debater e falar sobre isso. Eu tenho que aprender. Não podemos agradar a todos, crianças não gostam de mim.	Cultural, a educação de casa. Eu era a única negra. Tinha que ser dura e fria para não me fazer mal. aceitação própria, queria mudar de cor de pele. Parte monetária, eram excluídos. Eu não fiz nenhum curso na área e isso é mal.	Faço conversas e mostramos Que todos são iguais Temos que saber lidar Com as diferenças. Temos que saber agir e reagir usava os amigos para ajudar respeitar a vontade dos alunos. Trabalhos de grupo, em ajuda
Joana	41	F	Letras português. Francês. 10 anos na aec.	Sim, trissomia 21 não fazia muitas coisas era complicado. Não falava apenas cuidava dela. Estava integrada na turma, gostava de estar na sala	Observo para ver o que precisam. Estimulava a falar quando eu perguntava. Ele ficava muito perto de mim.	É uma escola onde existe todos os tipos de crianças para mostrar as nossas diferenças, mas que devem estar inseridas na escola. Nee negros. Aprendem de uma forma natural com as diferenças das outras crianças integração. Não há tendência de olhares diferentes.	Não	Esta escola não é inclusiva... não sei se é desafiador. Já vejo que é normal e natural de Coimbra. NÃO PERCEBEU QUE EXISTE A EXCLUSÃO NA ESCOLA. Na escoa pequena não emos muito desafio Desafio de desafiar as crianças superinteligentes Afetos intelectual puxar por aquele cérebro	Nós é que mostramos as diferenças. Praticar e não mostrar as diferenças. Chegar aos pais educação de Casa. Discriminação em relação a outra criança. Número de alunos.	Intervenção e conversa Conto histórias, e explico Como fazer. Não pensava em estratégias diferentes sobre incluir pesquisa, mas sinto falta de mais formação. Uso gestos, pontar gestos com sons expressão verbal mostrar que está tudo sorrio muito e o afeto é importante as crianças estão sempre atentas ao que eu digo, não sabemos o que se passa em sua cabecinha gestos suaves calmas e sorrisos depois só não sabemos o que se passa naquelas cabecinhas

Entrevistado/a	idade	sexo	Percussão profissional	Trabalho com crianças com necessidade de um apoio diferente	Tipo de trabalho realizado	O conceito de Inclusão escolar	Formação na área da educação Inclusiva	Visão da Inclusão Escolar como um desafio	Obstáculos enfrentados	Formas de ultrapassar os obstáculos
João	27	M	Desporto 2 anos AEC	Sim não sabia o que tinha, mas percebi algo diferente, só faziam o que gostavam. Tentava que fizesse o mesmo, muito distraídos. Brinca a parte. Não obrigo por ser extracurricular	Muitas vezes uso o colega para integrar mais. Não penso nada diferente pra ele. Pergunto sempre se ele quer fazer comigo. Não gosta de ser pressionado. Tento apenas a participação	É o aluno que tem algum déficit possa fazer a aula quase integrado com adaptações. Que possam fazer as mesmas coisas. Com a observação ver o que precisam. Para fazer juntos. Precisam de brincar. Todos consigam fazer tudo ou quase tudo. Cada vez mais toda a gente se senti incluída com relação as diferenças culturais. Eu trato da mesma maneira. Eu vejo nesta minha geração, procuramos sempre incluir	Faço muitas aulas adaptadas. Não.	Sim. Eu acho que depende um bucado. Não me sinto a vontade para inclui-lo e nem preparado para isso. É motivante também. Sair da nossa zona de conforto. Tenho percebido que esse aluno tem evoluído, mudança de comportamento. Ele está a incluir ais poucos. Eu acho que consigo atingir as crianças. Vejo progredirem. Importância do elo entre nós 1 hora é pouco. Contato é importante. Eles se moldam de acordo que fazemos ou como nós somos. NÓS SOMOS EXEMPLOS.	Disponibilidade deles. Não se interessam pela atividade. É algo de entrega. Concentração. Não tem interesse. Dificuldade em cativa-los. Mal comportamento. Querem apenas a bola. Tem que desenvolver o restante das capacidades.	<i>Uso jogos com objetivos estimulantes. Exercícios para cativar as crianças a prática correr na mesma mas com objetivos diferentes em equipe e cooperação sempre com objetivos estimulantes. No fim são recompensados com alguma coisa. Dar a recompensa. Competição. Uso regras. ME LEMBRO DE COISAS QUE ESCUSTAVA DOS PROFESSORES AS OS EXEMPLOS FICARAM não podemos nos desleixar com nossos alunos, não podemos deixar de nos esforçar. Todos podem aprender mais de formas diferentes.</i>
Andria	45	F	Artes Plásticas	Sempre.		<i>Escola tem que ter uma equipe preparada para receber qualquer tipo de criança. Não adianta falar vamos incluir, mas tem que estar preparados para isso. Equipe preparada</i>	Sim. Curiosidade.	Não. Receber a criança não me assusta. Não me causa dificuldade. Eu estar preparada, o espaço tem que estar preparado, material preparado. Tudo isso se torna um desafio, um desafio positivo. Não é correto fazer um 40 minuto o que daria em 2 horas, poderia ficar melhor. Observação e ajudaram na escrita. Motricidade fina e ampla	Horário reduzido. Pouco tempo. O tempo das aec não da para trabalhar a inclusão. Temos que estudar para ter paciência. Como artista me sinto mais livre, não me amarro a nada.	Tenho regras e estratégias para a aula decorrer melhor. Didática desde o entrar em sala de aula. Muito silêncio. Tenho um tipo de cumprimento. Usa a recompensa para garantir o bom comportamento em sala, Gomas. Disciplina faz parte da aula. Partilha

Entrevistado/a	idade	sexo	Percussão profissional	Trabalho com crianças com necessidade de um apoio diferente	Tipo de trabalho realizado	O conceito de Inclusão escolar	Formação na área da educação Inclusiva	Visão da Inclusão Escolar como um desafio	Obstáculos enfrentados	Formas de ultrapassar os obstáculos
Diana	34	F	Curso línguas português ingles. 12 anos.	Sim várias vezes. Autista trissomia 21 acompanhar mais os trabalhos, saber as reações e estudar os comportamentos para ele ficar mais integrado.	Mudo a atividade e deixo a criança exprimir da forma dele. Encontrei um caminho para ele se integrar na aula. Todos pintam e ele adora desenhar. Participa do jeito dele. Vamos por etapas. Estudar o comportamento	Manter as crianças em um espaço, fazem parte da sala de aula a participarem, que confiem em mim e desafio-os a gostar das atividades. Incluído num todo. respeitar as reações de cada criança. Se sintam bem dentro da sala. Procurava as individualidades de cada um. Todas são diferentes. Finalidade saber ser, saber estar, viver em sociedade, todos tem um caminho que não são iguais. mais nem todos no mesmo caminho. Todos conseguem chegar lá	Não	Sim, sem dúvida. Mexe muito comigo deixar alguma criança de pare. Quero todas integradas, aproveitando a atividade. Se sintam pertencentes ao espaço. Consigo ser parte integrada na escola, eles gostam de estar na minha aula.sou rígida quando é preciso. Gostam de limites.	Escola, professores das aec. Não sabemos nada das crianças, não tem formação sobre as necessidades deles. Falta de comunicação escola, família. Número de alunos. Material que falta. Não reconhecimento	<i>A base é a observação para se trabalhar. Consigo me dar bem com eles mais temos que propor desafios diferentes. Os estímulos não devem ser iguais pois ninguém é igual. Dissertar o interesse. Est. Reações Diferentes.eu uso o meu matrial, empresto material. Usando a se abiturar as regras. Não brincam a qualquer momento. Dou os limites. ermito atividades alternativas mais brincar não. Todos são crianças. Tratar diferente. Quero a igualdade. Uso recompensa. Tem que atingir os bons comportamentos. Promover os desafios para eles. Comportamento adequado</i>
helenia	29	F	9 anos no CAF	Sim, não tem diagnostico mas é diferente	Tento combater o preconceito dos outros meninos com ele	que inclusão eu vejo como aceitarmos todos, mesmo que sejam diferentes de nós não é? não somos todos iguais por isso todos temos de aceitar com as nossas diferenças	Sim. Só na formação.	Sim. a partir do momento em que fui mãe,penso nisso dentro da inclusão temos das cores, temos das doenças, temos dos NEEs, temos imensas coisas	que é uma educação que eles trazem de casa, o que os pais ensinam preconceito.	Valorizaer o que cada um tem de bom

Entrevistado/a	idade	sexo	Percussão profissional	Trabalho com crianças com necessidade de um apoio diferente	Tipo de trabalho realizado	O conceito de Inclusão escolar	Formação na área da educação Inclusiva	Visão da Inclusão Escolar como um desafio	Obstáculos enfrentados	Formas de ultrapassar os obstáculos
Elisa	25	F	Música. Mestrado. Casa e 3 anos.	Sim autistas. Muitas vezes não estava participando mas reagia as musicas teria qye ser bem especifico pra ela	Planeava pra ela mas não dava pra fazer sempre todos precisavam de atenção	é pegar em todas as culturas, todos os backgrounds dos miúdos e tirar o maior proveito deles e disso e não excluir ninguém, conseguimos chegar a um momento conjunto e acho que isso é espetacular, acho que é ótimo	nao	Sim por exemplo essa miúda autista dava-me um gozo trabalhar com ela, era ótimo. De casa vem muito sem interesse.	faltam instrumentos, faltam as vezes colunas e eu acho que os miúdos precisam muito de ouvir música, principalmente clássica e lá está num dia senti muito isso, eles não conhecem Mozart, não conhecem Bethoven	po aí nós tentamos sempre jogar da melhor forma para eles terem a melhor abordagem das planificações trago coluna e instrumentos
Filipa	27	F	Desporto. Mestrado. 1 ano AEC.	Sim autistas	Uso estratégias de colegas ajudarem, trabalho em duplas	- A inclusão escolar eu acho que é os miúdos todos serem iguais numa turma, apesar de pronto	Não so mestrado.	por a caso eu tenho um dia bem preenchido porque ele só acaba às dez da noite, mas olha renova.	muitas vezes é ter três miúdos na turma, em que um tem necessidades educativas especiais e que dois, ao meu ver, têm hiperatividade e encontra-se isso numa turma e aí é um bocadinho difícil lidar com eles	nunca estarem parados, claro que há alguns que se cansam mais rápido que outros, só param ali alguns segundos para beber água e toca fazer outra coisa porque quanto mais u parar a aula... E quando estão demasiado agitados meto música, meto música na aula e jogamos um jogo com a música e aí cada um está na sua

Entrevistado/a	idade	sexo	Percussão profissional	Trabalho com crianças com necessidade de um apoio diferente	Tipo de trabalho realizado	O conceito de Inclusão escolar	Formação na área da educação Inclusiva	Visão da Inclusão Escolar como um desafio	Obstáculos enfrentados	Formas de ultrapassar os obstáculos
Adrana	26	F	Desporto Mestrado Populações Especiais, pelo desafio Não gostei só teoria. Treinadora mais tempo 2 anos nas aec	Sim, autismo. Atenção e concentração.	Tem que ir a procura com jogos de regras, hierarquia das coisas saber ganhar e perder. Temos que cuidado complaneame. Procuro os colegas para ajudar, apoio e ajuda. Não sabe perder.	Tem que ser mesmo, colocar todas as crianças num mesmo patamar respeitando os ritmos. <i>Dar as mesmas experiências e valores. Eles tenham a mesma oportunidade. Com níveis diferentes. Aprender que as diferenças não são diferenças são naturais .</i>	não	Desafio constante. Nem todos não gostam de correr de jogar futebol. Gosto pelo desporto. Para os colegas entenderem as diferenças. Para ter o mesmo patamar tem que ser diferentes. Diário constante. Claramente é. A mae trabalhou com atl com deficientes. Que nem toda a gente consegue lidar com isso, na pratica não conseguimos suportar. Que o simples torna algo lindo como comer sozinho. Só as questões da escola pensar e tentar ser especial para aquela criança e ajuda-la. Que o miúdo se divirta e saiba lidar com as perdas. Nível pessoal é importante. Ser importante para as crianças. Questões pessoais é ligado.	Muitos alunos. Recurso humano reduzido. Apoio.estimular o voluntariado. Não me sentia confortável no início. Aquilo que vem de casa, valores e regras os pais não dão valor nenhum. Choca nas ideias, não tem segmento, nem preocupação.	Faço minha parte com orientações. Trabalho de grupo, gestão do tempo, fazer sempre algo para nãp perder concentração. Um jofgo de interesse sempre para chamar atenção. Estrat'gias para chegar em todos. Algo mais especificas. Adaptar jogos simples para eles se adaptarem a isso. Se divertirem ajudando uns aos outros. Tornar tudo muito natural não deixar ninguém de fora. Aceitação e mais fácil em relação as crianças. Usar os colegar para puxar por eles como apoio. Dá as dicas um puxar os outros. Desde cedo mostrar a importância da ajuda de todos
Elizabete	40	F	Linguas e literatura português ingle	Sim, mas não faz parte da minha realidade por dar ingles eles não ficam na minha aula. 13 anos nas aec. Trissomia 21		- É assim, eu acho que é inclusão escolar, é fazer com que todas as crianças com os problemas diferentes que possam ter sejam integrados em turmas de alunos que se dizem que são normais, agora se eu sou totalmente a favor „Sim mas só com algumas condições, acho que é preciso primeiro ter essas condições,	Não	- Sim, desafia mas pronto a minha experiência, é porque eu não tenho tido muitas crianças na sala de aula, eu chego no início do ano e eu já sei que eles não se inscrevem no inglês,	comportamento desses alunos mas assim eles comportam-se dessa maneira Devido às necessidades, às limitações	Olha já aconteceu eu ter que chamar o funcionário e ele levar pronto Foco do problema, neste caso retirar o aluno da sala de aula. Ah esse aluno em particular tinha uma caixinha na sala com plasticina ele podia ir para outra mesa fazer um bocadinho isso

Anexo 3 – Brochura (In)formativa para os Professores das AEC

Brochura (in)formativa

# Inclusão Escolar

Conceitos e Aplicações no contexto das AEC





# Para anotar:

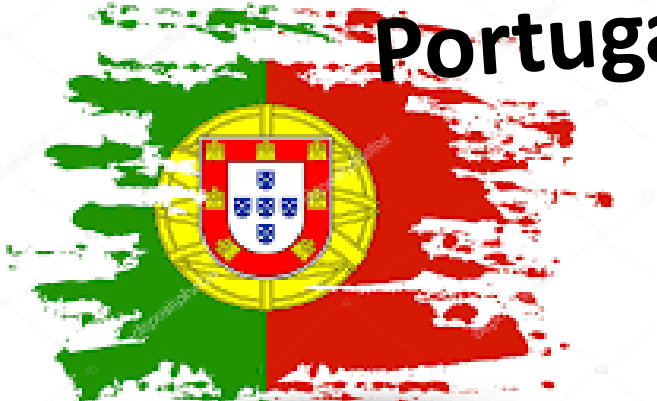
Este material tratará:

- A educação Inclusiva em Portugal Passo a Passo;
  - Decreto-lei 54/2018;
- Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) e a Inclusão Escolar;
  - Desafios da inclusão;
  - Dicas para o dia a dia
    - Bibliografia.

Apresentamos algumas **práticas** que podem enriquecer o trabalho diário com os(as) alunos(as), além de sugestões de filmes, livros e sites informativos.



# A Educação Inclusiva e Portugal Passo a Passo



O moderno **entendimento** de educação inclusiva é fruto do resultado de muitos estudos, debates, formulações de leis e documentos, elaborados para promover a educação para todos e a sua garantia como direito de toda a população.

A ideia da **inclusão se originou** da consciência de se alterar os processos de exclusão vividos por pessoas com deficiência. Esquecidas pelo estado, deixadas de lado pela família consideradas como um peso. Com o passar do tempo, profissionais da educação e da saúde perceberam a necessidade de se fazer algo a mais pelas pessoas com deficiência. Assim surgem na história da educação centros especializados para pessoas consideradas deficientes.




As vivências segregadoras traziam desconforto principalmente para quem estava próximo. Esse

**incomodo gerou mudanças!** De pessoas segregadas do ambiente escolar passaram a estar integradas no mesmo espaço, com atendimentos e apoios especiais.

Em **Portugal** o histórico de mudanças e processos de reestruturação também aconteceu!

Independente da velocidade de implementação de mudanças para os processos de inclusão, o importante a destacar é que Portugal acolheu, olhou para o tema e não se esquivou dos desafios por ele propostos. Para Kauffman e Lopes (2007), o Decreto-Lei 319/91 é o pilar legislativo da educação especial em Portugal.



Ao assinar a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), Portugal comprometeu-se a cumprir as normas com relação a inclusão. Este documento diz:

**“O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades.”**

O autor Correia (2016), define uma escola inclusiva como uma instituição do ensino regular, onde todos os alunos com as mais diversas capacidades, características e consequentemente, necessidades, podem aprender juntos, enfatizando o desenvolvimento global de cada aluno, adaptando o ensino e a aprendizagem às necessidades de cada aluno, aceitando diferenças e promovendo a igualdade de oportunidades.

O autor português David Rodrigues (2006), defende que a **Educação Inclusiva deveria se alicerçar em três pilares: rejeição da exclusão, educação conjunta e eliminação das barreiras para a aprendizagem.**

Hoje vivenciamos a aplicação do Decreto-Lei 54/2018 (Presidência do Conselho de Ministros, 2018), implementado no ano de 2018.





# Decreto lei 54/2018

**O caminho para uma sociedade efetivamente inclusiva é longo**, saber como fazer, o que fazer e onde fazer são questões constantemente discutidas e estudadas.

O Decreto-Lei 54/2018 forneceu as **diretrizes** para a promoção de uma educação inclusiva. A diretriz ministerial reafirma o compromisso que as escolas tem com a inclusão, proporcionando a igualdade de oportunidades e o envolvimento parental. O destaque que se pode apreender das diretrizes do Decreto são:

1. Promoção da **Autonomia**. Cada escola tem a oportunidade de perceber e valorizar a diversidade de seus estudantes para encontrar formas de lidar com as diferenças.

2. Promoção da **Igualdade**. Afasta a concepção de que é necessário a categorização para intervir. É dirigido a todos os alunos, não apenas para os com deficiência.

3. Valorização da **Comunidade** educativa. Mobiliza os meios que tem a disposição, para que a prática do dia a dia seja fortalecida pela interação dos docentes, dos membros da equipe escolar, da equipe multidisciplinar e dos pais, de maneira a incentivar a comunidade educativa.



# **AEC ( Atividades de Enriquecimento curricular) e a Inclusão Escolar**

O Despacho nº 12591/2006 a 16 de junho de 2006, foi o documento governamental que implementou o plano “Escola a tempo inteiro”. O programa atingiu todos(as) os alunos(as) que frequentam a escola pública de forma gratuita. Abriu oportunidades para a realização de atividades extracurriculares para toda a comunidade, sem discriminação de classes, raças ou necessidades educativas especiais.

O objetivo é fazer com que todos e todas frequentem o mesmo espaço escolar e com a mesma oportunidade de aprender. Para tanto, a estratégia é utilizar a articulação de apoio às famílias e o funcionamento diário da escola.

As AEC têm três vertentes: a atividade de animação e de apoio à família na Educação Pré-Escolar ( AAAF), as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) e o Componente de Apoio à Família no 1ª ciclo do Ensino Básico (CAF). Cada vertente desenvolve um trabalho distinto mas, todas, possuem o foco no apoio ao desenvolvimento das crianças atendidas e suas famílias.

Segundo a Portaria n.º 644-A/2015, as AEC no 1.º ciclo do ensino básico, são atividades de caráter facultativo e de natureza lúdica, formativa e cultural. Elas incidem nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico. O meio e a escola devem estar interligados para melhor trabalhar valores e a solidariedade.



**De acordo com a DGE (2016)  
os princípios orientadores  
para o trabalho das AEC são  
os seguintes:**

- valorização das expressões culturais locais;
- contribuir para o enriquecimento do aprendizado de forma lúdica;
- flexibilidade ao nível das estratégias de organização do grupo de aluno;
- privilegiar a realização de projetos, onde os alunos participem das programações;
- trabalhar com os conteúdos dados para cada faixa etária, mas com formas diferentes;
- organização das AEC de forma flexível ao projeto anual de cada escola, caminhar junto a escola;
- privilegiar a avaliação formativa e participativa;
- assegurar uma efetiva integração e articulação entre os docentes e os técnicos das AEC.



**Seguindo as orientações para o trabalho das AEC podemos perceber a importância do olhar inclusivo integrado em cada ponto e utilizando a forma lúdica como base para nossa atuação em sala de aula. A inclusão sendo proposta para os alunos de forma lúdica nos traz infinitas possibilidades de trabalhos e atividades.**



# Desafios da inclusão

Alguns desafios vividos em nossas salas de aula são:

- **Educar para a diversidade** e promover a interação de seres humanos com diferentes características.



- **Respeitar o ritmo de cada um.** Todos(as) podem e devem aprender, mas cada um no seu ritmo e seguindo seu próprio caminho.

- **Treinar o olhar diferenciado,** isso leva a escola/professores(as) a ver e observar cada criança como única! Não é necessário ter um padrão!

- **Criar uma atmosfera positiva** nos espaços de trabalho, a vontade de estar e fazer são sentidas pelas crianças, trazendo assim um sentimento acolhedor.

*Esses podem ser os primeiros passos para uma Inclusão efetiva!*

# O caminho se faz caminhando...

(Paulo Freire)



Não há dicas mágicas! Nada está completamente pronto, temos que viver para aprender como fazer, temos que vivenciar para saber qual o melhor jeito para

cada momento. **As vivências nos capacitam para fazer diferente.**

O aprendizado além de estudo, da busca de informações é composto também por tentar fazer e tentar melhorar. É sempre bom **lembrarmos de nos autoavaliar-nos**, analisar como estão nossas posturas e práticas.

Depois da autoavaliação perceber o que deu certo e seguir em frente. Questionando-nos sempre: **Como fazer diferente? Como posso fazer melhor?** Essa autoanálise nos leva a refletir e a perceber com mais clareza o que devemos mudar ou acrescentar no nosso trabalho. Neste momento de reflexão, o colocar-se no lugar do outro, tentar perceber como o outro vê, como sente e vive, aumenta o leque de possibilidades para as mudanças acontecerem.



Ao percebemos que as estratégias que usamos favorecem não só os alunos com deficiência mas a **TODOS** os alunos(as),  
**nosso trabalho inclusivo já começou!**

# Alguns pontos são primordiais ao processo de inclusão:

- ✓ procurar os recursos de apoio existentes nas escolas (Centro de Apoio à aprendizagem);
- ✓ a flexibilização dos meios de aprendizagem, diferenciar os meios para igualar os direitos, principalmente o direito à participação e ao convívio;
- ✓ promoção de uma sala de aula que, compreenda as diferenças e o sentido de ser diferente (todos nós temos pontos fortes e fracos, fazemos melhor algumas coisas do que outras);



- ✓ Mostrar que para o trabalho ser justo deve, por vezes, ser diferente;
- ✓ Criar sentimentos de competência pessoal positiva e de confiança na aprendizagem. Cada um tem seu jeito!  
Estimular a aceitação pessoal e a do outro!
- ✓ **Criar redes de apoio** voltadas para nos assessorar também aos alunos, podemos utilizar as próprias crianças para nos apoiar. Podemos fazer duplas de apoio, trabalhos em grupo ou tutores escolhidos nas aulas para ficar próximo dos que precisam de ajuda.



- ✓ Propor **trabalhos coletivos**, promovemos a interação das crianças nas atividades;

- ✓ Procurar formas assertivas de aprendizagem. Como?

Primeiro muita **observação**, olhar para a turma e perceber o que lhes instiga a participar. Conhecendo as crianças é possível adaptar o conteúdo programado para a aula, para alcançar os interesses identificados. Lembrando que todo aprendizado acontece quando se tem regras a cumprir e uma rotina a ser seguida;



- ✓ Disponibilidade para aprendermos enquanto educadores, interesse em pesquisar atividades novas, **buscar informações sobre as crianças** e partilhar com os colegas.

# Dicas para o dia a dia:



- Conheça os seus alunos, **utilize um tempo de sua aula para observar, conversar e perceber como é a turma.** Assim quando pensar em atividades e estratégias será mais fácil saber como fazer. Nossas crianças também nos observam e querem saber até onde podem ir connosco. **Deixe-se conhecer também.** Mostrar o que gostamos e o que não gostamos nos aproxima da turma promovendo a confiança;
- **Escute seus alunos,** por vezes eles chegam a sala com alguns incômodos, seja uma briga no intervalo, seja uma queda. As crianças desencadeiam fortes emoções por um fato que acontece na sala ou fora dela, o chamado contágio emocional. Vamos buscar uma abordagem positiva da situação e sempre a neutralidade. Temos um papel de mediadores portanto ser neutro é importante;
- Nunca esqueça do **lúdico no planejamento das aulas!** As crianças aprendem muito mais quando brincam e tem prazer durante as atividades;
- Lembre-se que durante o planejamento de atividades se deve **trabalhar a diversidade e a aceitação das diferença;**



- **Planeje bem a sua aula, traga sempre alguma novidade.**  
Elaborando atividades em que todas as crianças possam ser naturalmente incluídos. É importante mostrar que o professor sabe o que está propondo e demonstra entusiasmo pela atividade. E nunca se esqueça de pensar num plano B, muitas vezes o planejado pode não dar certo. Também é muito importante **avaliarmos a nossa aula, para ver o que podemos fazer diferente da próxima vez;**
- **Mostre à turma quais os objetivos de cada aula,** o que vamos aprender e quais são as atividades. Assim envolvemos mais as crianças na aprendizagem e elas percebem que tem um ofício, a aprendizagem;
- **Estabeleça uma rotina de início de aula** para evitar perder muito tempo. Nesta rotina lembre-se sempre de falar sobre a atividade do dia de forma clara;
- **Estabeleça regras claras desde o início.**  
Informe as crianças sobre o que é aceitável e o que não é aceitável em sala. Regras são regras e não devem ser desobedecidas. Com o tempo essas regras podem tornar-se contratos onde as crianças também podem participar dando sugestões e ideias, trazendo assim mais responsabilidade para cada um. Podendo ter  
assinatura do  
contrato;





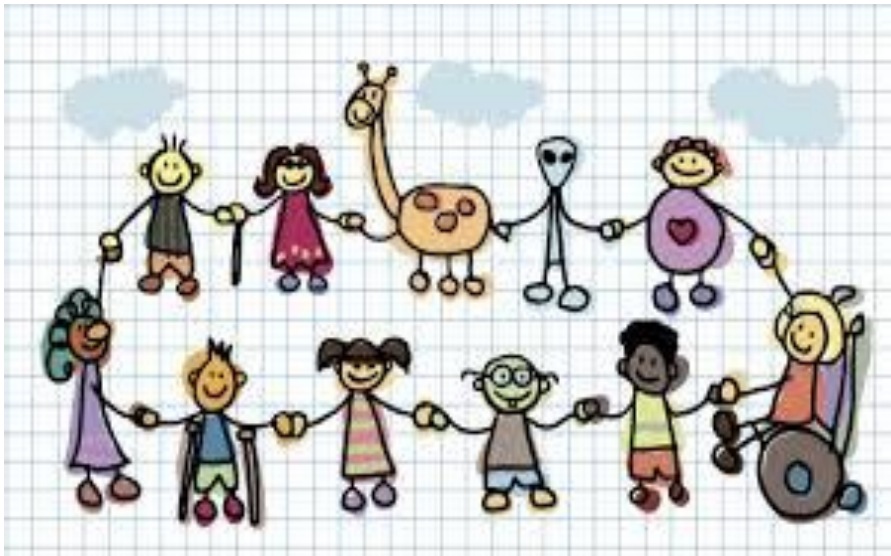
➤ Tente programar as atividades para toda a turma, a interação aproxima e promove os **vínculos afetivos**; Escolha algum colega (par) de sala **para ser ajudante e acompanhar a criança que mais precisar**;

➤ Simplifique a forma de explicar e **seja objetivo**.  
Dependendo da idade das crianças elas se perdem no meio da nossa fala.

Falar com muito ruído geralmente não resulta bem. As crianças não entendem os comandos e a repetição é sempre precisa. Usar um código, para saberem que é necessário o silêncio;

➤ **Valorize o trabalho de todos!**

As práticas podem mudar as atitudes! E as atitudes mudam em consequência as vivências e as reflexões! Mudam pensamentos sobre experiências vividas no dia a dia. (Rodrigues, 2013)



# Um Alerta!



O professor que se atém ao comportamento do estudante e o rotula acaba tendo uma atitude prejudicial. O agressivo e o conversador sempre tende a ser visto dessa maneira. Assim como o atencioso e comportado. Por isso, não classifique seus alunos como se eles fossem sempre do mesmo jeito, com hábitos imutáveis incapazes de se transformar. O ideal é tentar entender por que se comportam de determinada forma diante de uma situação. **Rotular não leva a nada!**

**Não tenha pena de ninguém, muito menos de seus alunos/as!** O pesar é o antônimo da animação, da motivação do entusiasmo, da alegria e da vivacidade, sentimentos primordiais para se viver a inclusão.

# Bibliografia útil para o professor das AEC



Bibliografia para orientar uma busca mais específica sobre nossos alunos, mas não podemos esquecer que muitos diagnósticos têm servido para determinar aquilo que o aluno não pode fazer. Eles, no entanto, devem ser usados para orientar de onde devemos partir, para avançar com nossas crianças.

## Documentos do governo

- [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/oficio\\_circular\\_aec\\_recomendacoes.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/oficio_circular_aec_recomendacoes.pdf)
- <https://www.dge.mec.pt/acompanhamentoavaliacao>
- <https://www.dge.mec.pt/aec-atividades-de-enriquecimento-curricular>
- <https://www.dge.mec.pt/noticias/para-uma-educacao-inclusiva-manual-de-apoio-pratica>
- [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/manual\\_de\\_apoio\\_a\\_pratica.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/manual_de_apoio_a_pratica.pdf)

## *Transtornos do Espectro Autista*

### Sites

- <https://autismoerealidade.org.br/> Site informativo gerenciado por pais e profissionais da saúde.
- <https://novaescola.org.br/conteudo/281/na-duvida-autismo-inclusao> Revista ligada a educação. Acesso gratuito
- <http://www.iag.usp.br/~eder/autismo/Cartilha-Autismo-final.pdf> Cartilha em pdf com dicas e informações sobre o autismo.
- <https://www.sns.gov.pt/noticias/2016/04/18/sabe-o-que-e-o-autismo/> Site informativo do governo Português.
- <https://pt.wikihow.com/Educar-Crian%C3%A7as-Autistas> É um site com artigos de diferentes temas onde a escrita é colaborativa.
- <http://www.fmss.org.br/tag/inclusao/> Site com matérias e artigos sobre inclusão na atualidade

## Filmes

- *Refrigerator Mothers*. Um documentário que relata o retrato íntimo de uma geração inteira de mães americanas cujos filhos foram diagnosticados com transtornos do espectro autista.
- *Rain Man* O filme é um drama que relata a vida de um autista e seu irmão.
- *Uma viagem inesperada*. História de uma mãe com filhos com o transtorno do espectro autista. O filme mostra o preconceito vivido, as barreiras e dificuldades do dia a dia.

## *Trissomia 21*

### Sites

- <https://incrivel.club/inspiracao-criancas/7-coisas-que-voce-deve-saber-ao-lidar-com-uma-crianca-com-sindrome-de-down-506560/> Site informativo.
- <https://www.minhavidade.com.br/saude/temas/sindrome-de-down> Site de uma revista de saúde.
- <http://www.movimentodown.org.br/saude/cartilhas-de-saude/> Cartilha em pdf sobre a trissomia 21.
- <https://pais21.pt/> Site informativo gerenciado por pais e profissionais da saúde.
- [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5305/1/CPE\\_12\\_418-428.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5305/1/CPE_12_418-428.pdf) Artigo científico sobre a leitura na Trissomia 21.

### Filmes

- *Do luto à luta* Um documentário que foca as deficiências e as potencialidades da trissomia 21.
- *O milagre de Anne Sullivan*. O filme conta a história de uma garota cega, surda e muda, na busca de se adaptar e entender o mundo que a cerca.
- *Colegas*. é uma comédia que aborda de forma inocente e poética coisas simples da vida através do olhar de três jovens com trissomia 21 apaixonados por cinema

## Deficiência intelectual



### Sites

- <https://msd.pt/> Site informativo.
- <http://icarepin.pt/> Site informativo.
- <https://diferencas.net/> Site informativo.
- <https://novaescola.org.br/conteudo/440/formas-criativas-estimular-mente-deficientes-intelectuais> Site de revista sobre educação.

### Filmes

- *Nicky and Gino*. O filme conta a história de irmãos gêmeos e que um deles tem dificuldade de aprendizagem e o outro é muito inteligente.
- *Forrest Gump*. O contador de história O filme conta a história das fases de vida e um homem e suas aventuras.
- *Gilbert Grape – aprendiz de sonhador* É um romance que conta a história de um rapaz com seu irmão que tem autismo.
- *Simple como amar* O filme conta a vida de uma menina autista e seus desafios para viver com mais autonomia.
- *Meu nome é Rádio* O filme conta a história de um jovem com deficiência intelectual e seu amor pelo futebol americano. Baseado em fotos reais.

## TDAH

### Sites

- <https://neurosaber.com.br/estrategias-pedagogicas-para-alunos-com-tdah/> Site informativo
- <https://tdah.org.br/algumas-estrategias-pedagogicas-para-alunos-com-tdah/> Site informativo da Associação Brasileira do Déficit de Atenção
- <http://cefopna.edu.pt/formacao/documentos/informacoes/DOCUMENTOS/Hiperactividade PHDA 2 .pdf> Livro em pdf sobre como trabalhar com o TDAH
- <http://www.clubephda.pt/pais/atividades-extracurriculares> Site informativo da Associação Clube PHDA
- <https://ajudah.com/phda/> Site informativo gerenciado por um homem que tem deficit de atenção.

## *Paralisia cerebral*

- <http://www.apcl.org.pt/> Site informativo gerenciado por pais e profissionais da saúde.
- <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-inclusao-de-criancas-com-paralisia-cerebral-na-escola> Site de uma revista universitária com artigos sobre inclusão.
- [https://www.larpsi.com.br/media/mconnect\\_uploadfiles/c/a/cap\\_01\\_63\\_.pdf](https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_63_.pdf) Artigo sobre Paralisia Cerebral.
- <https://paralisiacerebral.webnode.com.br/> Site informativo gerenciado por profissionais da saúde.
- <https://docplayer.com.br/10832912-Sugestao-de-atividades-para-alunos-com-paralisia-cerebral.html> Artigo com sugestões de atividades para as crianças com paralisia cerebral.

## **Filmes**

- *A força de um campeão.* O filme conta a história de um homem que teve a perna direita amputada em razão de um câncer. Determinado a levantar fundos para pesquisas sobre a doença, ele decide atravessar o país a pé e, assim, chamar a atenção das pessoas para o problema
- *Meu pé esquerdo.* Filme conta a história de um menino de uma família humilde de operários irlandeses, que nasceu com paralisia cerebral.
- *Feliz ano velho.* O filme conta a história de um jovem que fica tetraplégico ao mergulhar e bater a cabeça em uma pedra no fundo de um lago. Diante do que parecia ser o fim, ele começa a reviver e resgatar momentos importantes do seu passado descobrindo uma nova força em sua vida.
- *Gabi – uma história verdadeira.* Filme conta a história de uma menina com paralisia cerebral que afetou o corpo, mas não a mente, Gaby é encorajada pelos pais e pela babá a jamais desanimar com a deficiência. Ela vai à universidade e se torna uma aclamada escritora.

## **Deficiência Visual**

### **Filmes**

- *À primeira vista*. Filme que conta a história de um homem bonito que ficou cego aos dois anos. Através de um tratamento experimental ele recupera a visão e passa a se relacionar com o mundo exterior de uma nova forma.
- *Janela da alma*. Dezenove pessoas com diferentes graus de deficiência visual, da miopia discreta à cegueira total, falam como se veem, como veem os outros e como percebem o mundo.
- *Ray Charles*. Filme que conta a história da turbulenta vida do gênio musical Ray Charles, deficiente visual desde a infância
- *Perfume de mulher*. Em busca de realizar um antigo sonho antes de morrer, um militar , contrata um jovem e inexperiente estudante para ajudá-lo a passar um fim de semana inesquecível.

## **Deficiência auditiva**

### **Filmes**

- *Filhos do Silêncio*. É um romance que conta a história de um professor de línguas de sinais e uma jovem com deficiência auditiva.
- *Meu querido Frankie*. O filme trata da história de uma mãe com seu filho que é deficiente auditivo. Trata-se de um romance.

## **Altas Habilidades/superdotação**

### **Filmes**

- *Mentes que brilham*. O filme conta a luta de uma mãe para que seu filho superdotado tenha uma vida que respeite seu potencial, e consente a aproximação de uma professora interessada em seus talentos.
- *Amadeus Mozart* Filme bibliográfico da vida do músico Mozart.
- *Um gênio indomável* O filme retrata a vida de um jovem gênio na matemática e como lida com as dificuldades

## **Outros:**

- *A história de Brooke Ellison*. História real de uma menina de 12 anos que foi atropelada. O filme mostra sua luta de superação.
- *O óleo de Lorenzo*. É uma história real de um casal em busca da cura de seu filho Lorenzo, ele começa a apresentar hiperatividade, surdez, desequilíbrio e vários outros sintomas.

## **Para enriquecer ainda mais nosso entendimento sobre inclusão**

Este site nos mostra alguns curtas metragens que falam sobre a inclusão. Opções interessantes para gerarmos uma conversa ou tornar nossas aulas diferentes.

- <http://www.fmss.org.br/seis-curtas-metragens-animados-sobre-inclusao-para-assistir-em-qualquer-lugar/> \_Página que mostra sites de curtas metragens e desenhos animados relacionados a inclusão.
- <https://somostodosgigantes.com.br/10-desenhos-animados-sobre-inclusao-e-diferencas/>

## **Sites informativos**

- <https://proandee.weebly.com/>
- <https://www.e-konomista.pt/inclusao-escolar/>
- <https://www.vindas.pt/inovacao-e-inclusao/>

## **Livros**

- *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*. Porto Editora. Luís Correia
- *Investigação em Educação Inclusiva*. FMH Editora. Org. David Rodrigues
- *Equidade e Educação Inclusiva*. David Rodrigues



**Livros infantis** – Todos encontrados no formato digital podendo ser usado em projeções na sala de aula.

- Inclusão no coração. Autor: Pedro Paulo da Luz
- Eu e meu medo. Autora: Francesca Sanna. Editora Fábula
- A Viagem. Autora: Francesca Sanna. Editora Fábula
- Cinco dedos de uma mão. Autora: Rita Ferro
- O difícil que é difícil e o difícil que é fácil. Autora: Isabel Martins
- A menina que não precisava de óculos. Autor: Alexandre Comparte. Instituto Elo
- A borboleta azul. Autora: Lenira Almeida Heck. Ed. Univates
- Ninguém é igual a ninguém. Autora: Regina Otero

### **Sites de sugestões de jogos e brincadeiras adaptados:**

- <http://www.inclusive.org.br/arquivos/24889> Sugestões de jogos e brincadeiras
- <http://www.movimentodown.org.br/2018/09/materiais-para-educacao/> Sugestões de jogos e brincadeiras.
- <https://www.diversa.org.br/tag/brincadeiras/> Relatos de experiências sobre brincadeiras e jogos.

*Na caminhada em busca da inclusão, que estas sugestões sejam apenas o início de muito aprendizado e descoberta de novas vivências!*

*Alessandra Lima*